

ILUSTRAÇÃO



QUAL O ASSINANTE DA

ILUSTRAÇÃO

QUE VAI FICAR MILIONARIO?

11.339 (BILHETE
INTEIRO)

LINDO NÚMERO

É este lindo número da lotaria do próximo Natal que a ILUSTRAÇÃO destinou aos seus novos assinantes ou aos antigos que renovarem as suas assinaturas até 15 de Dezembro próximo

A LOTARIA DO NATAL DE 1931

Tem os seguintes principais prémios

1 de 6.000 contos — 1 de 600 contos

QUALQUER DESTES PRÉMIOS, QUEM SABE SE O MAIOR,
PODERÁ PERTENCER AO n.º 11.339

**QUEM SABE?
E SE FÔR ESSE O NÚMERO FELIZ?**

Pensem bem os leitores da ILUSTRAÇÃO no seu desespero se não se habilitarem e a **bola feliz** ser mesmo a daquele lindo número!

A SORTE TEM CAPRICHOS!

E o que é preciso fazer? Apenas assinar por 6 meses, pelo menos, a mais bela, a mais luxuosa, a mais categorizada publicação ilustrada de Portugal a

ILUSTRAÇÃO

de que são colaboradores os mais notáveis escritores portugueses

Para dar direito ao prémio que pertencer ao número do nosso bilhete **11.339** (que lindo número que êle é) é preciso que o assinante tenha o número igual aos três algarismos finais do número contemplado **com o 2.º prémio**.

EXEMPLO

Supunhamos que o número contemplado com o **2.º prémio** é o número 5.035. Neste caso caberá ao assinante n.º 035 o prémio que pertencer ao **nosso 11.339**. Se porém a este nosso número couber o prémio grande de **6.000 CONTOS** o assinante receberá **apenas 2.000 contos** sendo os restantes **4.000 contos** divididos metade pelas duas aproximações e o restante pelas seguintes 18 aproximações, as nove anteriores e 9 posteriores. **Só neste caso é que o prémio é dividido**. Se fôr qualquer outro prémio pertencerá por inteiro ao assinante feliz.

Esclarecendo uma excepção

Como acima se explica, para dar direito ao prémio que pertença ao n.º 11.339 regulam os três algarismos finais do nú-

mero premiado com o 2.º prémio. Estabelece-se apenas uma excepção para a hipótese de ao nosso número, (ao nosso lindo número 11.339) pertencer o 2.º prémio da loteria porque neste caso, e só neste, regulará o número contemplado com o primeiro prémio para a designação dos três algarismos finais do número do recibo de assinatura premiado.

E porque é necessaria esta variante?

Porque se assim não fosse o assinante que tivesse o n.º 339 (e todos reclamariam este número) levaria a vantagem fácil de comprehender.

Conclusão evidente:

Assina-se a ILUSTRAÇÃO levando-se para casa a boa leitura, sempre moral, um repositório variadíssimo de assuntos que a todos interessa, album precioso de magnificas gravuras, admiravel revista verdadeiramente nacional, aonde colaboram os mais illustres escritores portugueses e... ainda

QUEM SABE? — a independencia, a fortuna — QUEM SABE?

Para assinaturas: LIVRARIA BERTRAND, L.ª DA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand, Ltd.^a

Editor: Francisco Amaro

Composto e impresso na tipografia da Sociedade Gráfica Editorial, Rua da Alegria, 30 — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular... (Registada)	30\$00	60\$00	120\$00
Ultramar Português	32\$40	64\$80	129\$60
(Registada)	—	60\$00	120\$00
Espanha e suas colónias	—	63\$00	126\$00
(Registada)	—	67\$50	135\$00
Brasil	—	66\$00	132\$00
(Registada)	—	75\$00	150\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	84\$00	168\$00

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

BALSAMO AROMA

Constituintes de Linimento de Rosen - Salicylato de amilo - Menthol - Capsicum

RHEUMATISMO - GOTTA - LUMBAGO

SCIATICAS - NEVRITES - ENTORSES - PLEURESIA SECCA - PONTADAS do LADO

Laboratorios MAYOLY-SPINDLER, 1, Place Victor Hugo - PARIS (XVI^o)

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

CARLOS EMPIS — Rua de S. Julião, 23, 1.º — LISBOA — Telef. 22374



“YOU PA-LA”

Aparelho para o desenvolvimento físico das crianças

Desenvolve e ensina a andar.

Protege contra todos os acidentes.

Substitui uma criada de crianças.

Diverte a criança proporcionando-lhe uma higiene completa.

Recomendado pelo Corpo Médico.

ADOTADO por todas as Pouponnières e Creches em França e pela Maternidade da Misericórdia de Lisboa, Pouponniere da Maternidade A. Bensaúde, Creche dos Hospitais Cívicos de Lisboa e Assistência aos Filhos dos Cabos e Soldados da G. N. R

Dirigir pedidos à **RUA DE S. JULIÃO, 23, 1.º — LISBOA** — Telef. 22374

CABELO NOVO

Reprodução fotográfica do *Pente Electrico White*. O seu bonito cabo niquelado com uma parte em ebonite preta, os seus dentes brilhantemente niquelados e electrificados combinam-se para dar ao seu tocador um aspecto encantador, de que V. Ex.^a se orgulhará. Cada pente completo é vendido na sua própria caixa com as respectivas instruções.



A não ser que a sua cabeça seja completamente calva

VEJA O QUE ELA FAZ

Use 2 vezes por dia o Pente WHITE e se as raízes do cabelo ainda existirem, o seu cabelo tornará a crescer, pois o Pente Electrico WHITE vigorisa essas raízes dando-lhes uma vida nova.

As doenças do cabelo desaparecem —

Para que as doenças do cabelo desapareçam, é necessário dar diariamente uma pentedela com o Pente Electrico White. A corrente eléctrica passando de uns dentes para os outros, através o cabelo dá-lhe vigor e estimula o seu crescimento.

Falhas de cabelo —

Assim que começar usando o Pente Electrico White o seu cabelo tornar-se-há mais forte, mais cheio de cor e de brilho, novo cabelo aparecerá e o acordar

das raízes adormecidas virá cobrir-lhe as falhas de cabelo.

Caspa —

Dentro de pouco tempo o Pente Electrico White limpará o casco da cabeça de toda a caspa, a qual é uma das causas mais vulgares de se ter mau cabelo.

2.000.000 de pessoas que usam actualmente o Pente White falam dele em termos profundamente elogiosos.

Peça para ver um Pente Electrico WHITE em qualquer casa da especialidade.

Se tiver qualquer dificuldade em obter o Pente Electrico White na sua localidade, envie o cupão com a importância.

CUPÃO DE ENCOMENDA

Ex.^{mos} Srs. AZULAY & C.^{IA} L.^{DA}
Rua Aurea, 100-2.º - LISBOA - Portugal

Junto envioescudos. Queiram enviar-me o meu Pente Electrico White (a)

Nome.....

Morada.....

(a) Indicar o modelo.



- Está fazendo crescer o seu cabelo
- Modélio pequeno d'algibeira com bateria e estojo.. 30\$00
- Modélio médio com bateria (tamanho-duplo) e estojo 40\$00
- Modélio grande com dentes niquelados e cabo niquelado e ebonite, com bateria e estojo..... 85\$00



PENTE ELECTRICO WHITE

Contos, Novelas e Romances

Amor e o Tempo (O) por Dr. Augusto de Castro	15\$00	Homem dos Dois Corações (O) por Rocha Martins	3\$00
Art.º 438.º (O) por D. Carmen de Burgos, tradu- ção de Lopes de Sousa	3\$00	Matou por Amor (A que) por D. Emília de Sousa Costa	3\$00
Cinco Mil Francos por Mês por Reinaldo Ferreira	3\$00	Minha Mulher por W. Fernandes Flores	3\$00
Colecção "Diário de Notícias" por diversos autores	7\$50	Mort de D. Juan (La) por Paulo Osório	8\$00
Drama na Sombra (O) por Ferreira de Castro	3\$00	Noite de Núpcias por Lourenço Cayola	3\$00
Ele e Eu por Augusto Pinto	5\$00	Ruínas por D. Helena de Aragão	8\$00
Fumo dos Casais por D. Maria da Nobrega	10\$00	Sombras e Claridades por D. Helena de Aragão	8\$00
		Veneno do Sol (O) por D. Fernanda de Castro	10\$00

**À venda na filial do DIÁRIO DE NOTÍCIAS
LARGO DE TRINDADE COELHO, 10 e 11**

TRABALHOS TIPOGRAFICOS

Executam-se
em todos os generos

Rapidez e perfeição

Empreza Nacional de Publicidade

Rua Diário de Notícias, 78

FOTO NOTICIAS

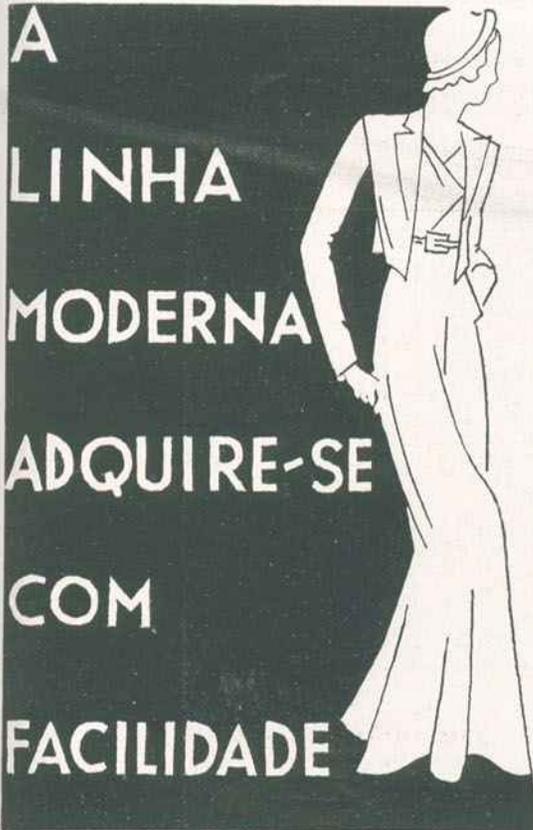
ATELIER

Providos das mais modernas
máquinas

**FOTO GRAVURAS
FOTO-ZINCO-GRAVURA
TRICROMIAS
DESENHO
GRAVURA EM COBRE**

RAPIDEZ E PERFEIÇÃO

ENCOMENDAS:
Filial do DIÁRIO DE NOTÍCIAS
L. Trindade Coelho, 11



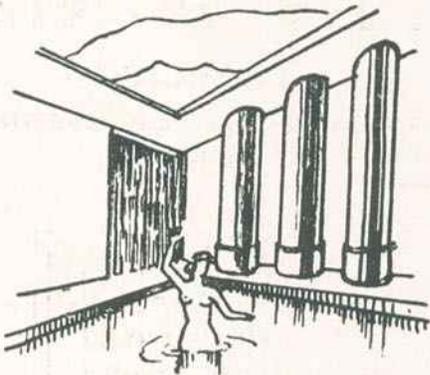
GRACA E ESBELTEZA

Elegância e harmonia dos movimentos
Frescura e macieza da epiderme
Encanto e vigor da juventude
É o sonho de toda a mulher moderna
que ela realiza sem
tratamento fasti-
dioso, sem incomodo,
sem perda de tempo,
com asseio e com
pouca despeza por

" SUDOREX "
aparelho portatil de
BANHOS DE VA.
POR EM CASA

" SUDOREX "
será para as senhoras
o complemento indis-
pensavel da sua cura
de beleza. Desemba-
raçando-as de gordu-
ra inutil, suprimirá to-
das as indisposições.

ABSOLUTAMENTE INFALIVEL EM
TODOS OS CASOS DE OBESIDADE
Reumatismos, artritismos, gôta, sciatica, nevralgias, rins, figado, intestinos, etc.



MÉTODO
das
BELEZAS
ANTIGAS **THERMAS**



MÉTODO
das
ELEGANTES
MODERNAS **SUDOREX**

À VENDA
em todas as FARMACIAS E
GRANDES ARMAZENS
SUDOREX
102 Rue de La Docteur - PARIS (6)
Brochure n.º 507 gratis por pedidos

SUDOREX BANHOS DE VAPOR



Pronto Excelencia

O seu chá favorito. Nas principais embaixadas, nos sumptuosos salões onde se reúne a aristocracia e a "élite" de todo o Mundo, só tenho servido este delicioso chá, que os convidados aguardam com impaciência quasi infantil. Esta bebida finíssima e vivificante é



CHÁ HORNIMAN



Que se obtém em todos os estabelecimentos, mas sómente em pacotes de 14—50—125 e 250 gramas.



Crónica da Quinzena

AS CIDADES MODERNAS

QUEM levou os últimos anos recluso num solar adormecido da província e deita por estas Europas fora encontra o mundo muito mudado. É outra a fisionomia das coisas, outro, porventura, o carácter do homem, e a sua impressão mais funda é a de que novo e acelerado ritmo, com o seu tanto de brutal e utilitário, vai animando tudo.

Estas cidades que o português mais encontra no seu caminho: Vigo, Madrid, S. Sebastião, Bordeus, Paris, estão muito diferentes em estrutura do que eram há dez, quinze anos. Transformaram-se à lufa-lufa, embelezando-se e cultivando aquele modo de ser que lhes é mais frutuoso e consentâneo com a sua índole. Embora grandes e complexas entidades, cada uma explora a sua «vocação», e este sentido é orientada a vida colectiva e municipal. Não são já núcleos exercendo uma função política e ocasional; são organismos condicionados para um fim. Podem comparar-se, numa palavra, a vastas e poderosas empresas constituídas para explorar determinados ramos de negócio.

Esta sorte de especialização é uma das características da cidade moderna. Por aí se distingue fundamentalmente da cidade antiga, parasitária, sem vida própria, medrando ou decaindo ao sabor da fortuna, aura política, migração maior ou menor de elemento rural. Assim seria infantil julgar Vigo um simples porto de pesca, com aguada para transatlânticos. Vilório sem relvêo há cem anos, hoje tornou-se em grande empório, embarcadouro de toda a Espanha e seu primeiro mercado de peixe. Os seus cais, as suas docas, a sua apetrechagem são a derradeira palavra no género. De par, ruas, esplanadas, estabelecimentos acompanharam, desenvolvendo-se adequadamente, este progresso *sui generis*. É uma cidade que vive do mar; tudo nela se encaminha para este escopo.

Não seria menos irrisório representar ainda Madrid pelo estafado cromo: à Puerta del Sol um toiceiro de charuto nos dentes quebrando de cinta ante uma chica de *mantón* e cantarola, com os cravos da lei pregados no petado. Madrid, capital de muitas províncias, coração dum Estado de larga e difusa influência, centro virtual dum idioma falado por muitos milhões de almas, converteu-se numa imensa e opulenta metrópole burocrática, no que esta palavra tem de mais lato. É uma cidade, pode dizer-se, de «despachos». Despacho na acepção de negócios, na acepção política e cultural. Minguam-lhe condições para ser empório comercial e industrial;

tão pouco refina aquele conjunto de predicados, indispensável para poder ser um caravanerá cosmopolita, predilecto aos forasteiros; quando os palácios, serventia dos Bourbon destronados, forem abertos ao público com o seu recheio e esplendor de museus; quando a República tenha dado realidade ao seu plano de incremento universitário — ficará a *urbis* reguladora e mentora das velhas e novas Espanhas. Basta ver já a Central dos Correios, a Catedral, pouco acima dos fundamentos e onde se vão consumindo milhões, os vários e magníficos estabelecimentos públicos, para se sentir a directiva que preside à cidade, outrora oscilante e desorientada. Madrid vai-se integrando no seu papel de primeira e afanosa agência da comunidade espanhola.

Já S. Sebastião, ocioso é dizê-lo, se evidencia como vasta e confortável locanda para ociosos da vida e endinheirados: Cidade alguma é mais meticulosa em obedecer a um objectivo. Ruas, casas, habitantes fizeram comandita com céu e mar e retêm o estrangeiro, aqui se lhes virando os bolsos até nem ficar o cotão. Nada ali falta em matéria de prazer e comodidade. Não tem oficinas, nem academias, nem repartições; mas possui os melhores hotéis, os melhores passeios, a melhor praia, e não mostra uma ruga, um desmazelo, uma nódoa, um papel no chão, impicável, monotona e chique e preciosa, como as construções de caramelo que se vendem nos confeitores caros. Aqui está a cidade que, havendo encontrado a sua veia, a explora à maravilha, tudo nela sendo dispositivo para esse alvo.

Também Paris, aprazível encruzilhada de todas as estradas do universo, revestiu feição nova depois da guerra. Incontemplativamente os camarteiros deitaram abaixo os velhos quarteirões em que se albergaram os boémios de Murger, os milistas russos, e todos os *sans le sou*. Nesse chão piedoso alinharam hoje largas e intermináveis ruas, coalhadas de impertigados e soberbos prédios, com os inventos em luxo e higiene da última hora. O automóvel varreu ao fiacre, o autobus ao omnibus, puxado por orsas guedelhudas, e ao bonde eléctrico, o *chauffeur* de casaco de coiro ao trintanário de librê. Paris rendeu-se à gasolina e à electricidade; mecanizou-se, tendo perdido o ar benigno e venerável, caridoso igualmente para pobres e ricos. Hoje, o homem que anda a pé por gosto ou necessidade e, em geral, o homem parco de recursos, estão deslocados em Paris. Não se contou ali com eles, ou antes, mereceram aos enge-

nheiros e à Prefeitura muita pouca atenção. Ao mesmo tempo que se ia implantando este utilitarismo, a fisionomia da cidade modificava-se. Modificava-se profundamente. Ao presente Paris pode chamar-se terra limpa e asseada. Admiráveis de pavimentação as suas ruas; dotados de calorífero, ascensor, telefone em cada aposento, água corrente quente e fria, os hotéis, ainda os mais modestos; sulca a cidade em todos os sentidos o caminho de ferro subterrâneo; inunda a calçada, pintarola de cores várias as portas dos botequins, teatros e *boîtes*, reclama a veniaga, a luz a néon.

No transecurso de poucos anos, Paris galgou todos os estádios para o que é comum denominar «americanização». Era a capital do mundo nos bons tempos, caprichou em manter-se a capital do mundo nos tempos bravos que vão decorrendo. Para realizar este desideratum teve que ser simultaneamente cidade de *pagode*, de estado, de trabalho industrial e ainda cabeça de França. Suponham-se caldeadas em amálgama perfeito as condições particulares de Madrid, S. Sebastião, Barcelona, Munich, que sei eu! A obra das edificações que no último decénio presidiram aos destinos de Lutécia foi esta. E a cidade-luz manteve o seu posto.

Deste aspecto novo que reveste o urbanismo — cultivar o filho mais conforme com a índole e as circunstâncias ambientes de modo a imprimir à cidade vida própria e carácter — se conclui quanto de imaginação, de inteligência prática e de continuidade exige o governo dum município. Dirigir uma cidade é mais complicado que dirigir uma esquadra no alto mar. Não se improvisam almirantes; nas cidades portuguesas fazem-se vereadores a torto e a direito, como se viessem talhados desde o ventre da mãe para a vara concelhia.

Rio de Janeiro, da banda de lá dos mares, terá encontrado o seu verdadeiro modo de ser; Lisboa procura-o ainda. Por certo que não é burocratizando-a mais que se lhe assegura o futuro; nem industrializando-a; tais propósitos exorbitaram da capacidade do país. Mas Lisboa, criando amplos e desembaraçados entrepostos, cais como hoje tem Vigo, hotéis como possui S. Sebastião, aeroportos, os necessários e instantes aeroportos, poderá ser grande empório comercial e estância de ida e chegada entre a Europa e a América. E haveria, assim, debruçadas sobre as águas e céus atlânticos, duas grandes urbes da lusitanidade: Lisboa e Rio de Janeiro.

Aquilino Ribeiro.



O PALÁCIO DE QUELUZ

Sempre que visito um palácio real, uma antiga residência nobre ou outros lugares a que estejam ligadas recordações históricas, — a primeira coisa que faço, além de escolher sistematicamente para tais visitas os dias de deminuta concorrência, é comprar com generosidade o silêncio do guarda que, em geral, os regulamentos me impõem por companhia. Qual, desses servidores do chamado turismo, que se não habituou a esmoer-nos ao ouvido, na mira da esportula e com uma voz igual à das cantilenas dos cegos de romaria, uma explicação, raras vezes certa e nunca sugestiva, dos acontecimentos desenvolvidos nos recintos que vamos percorrendo? Porque aborreço mortalmente essa anódina lengalenga, não me resigno a escutá-la. E peço então ao pobre *cicero* que se limite a acompanhar-me de longe, que se oculte o mais possível na sombra, que me facilite, em suma, a impressão gratíssima de que me encontro ali sozinho. Sozinho... — di-lo-ei bem? Ah, não! Alheio ao tempo de hoje, sim; mas, em compensação, em estreito contacto com as eras de antanho, sentindo ao derredor o seu torvelimbo, vendo ressurgir, de cada recanto, as figuras que a morte arrebatou há muito e que de novo, ao apêlo da minha memória, ali se reúnem e, tomando corpo e alento, recompõem, apenas para mim, as cenas de que foram protagonistas umas, simples comparsas outras. E, mal me precató, essa ronda de fantasmas envolve-me e leva-me também consigo, dá-me quinhão nos seus dramas e nas suas intrigas, intima-me a corresponder-lhes com amor ou com ódio. Prodigiosamente, ponho-me a viver, a ple-nos haustos, os séculos idos e converto o que é apenas sonho (sonho é, afinal, já o dizia Shakespeare, a matéria de que é feito o próprio homem) em realidade física, — tudo isto só

porque me suponho isolado, porque há em volta um silêncio propício: este é

o instante em que a imaginação se me ilumina com uma centella furtada à maravilhosa lâmpada de Aladino.



Assim em Queluz, no seu amplo parque de feição italiana, nos seus elegantes jardins que Le Nôtre não traçou mas que da arte do famoso jardinista acusam forte influência, nos seus magníficos salões que não sabem negar que quem determinou o seu plano e, principalmente, a sua ornamentação, tomou por modelo Versailles, a faustosa mansão da realeza de França. Rodaram os anos, com gigantescas rodas de bronze, sobre esta esplendente residência da corte portuguesa, que nela assistiu, sobretudo durante o absolutismo, largas temporadas, e lá hoje ali, quer nas edificações quer na parte ajardinada, um ar de semi-ruína, um aspecto de lamentável abandono. Já a grande cascata, a primeira que se construiu nos arredores de Lisboa, calou, decerto para sempre, o seu susurro, já também os jogos de água, das fontes monumentais, não cintilam sob a luz paradisíaca do nosso céu, já muitas das brancas estátuas que davam graça às alamedas umbrosas do parque se exilaram delas, já algumas das suas mais imponentes árvores foram sacrificadas, já a própria ribeira que de Belas vem e, correndo junto do palácio, corta a quinta de lés a lés, tem um andamento sufumbulo, regateando vida aos curiosos azulejos que ali a margem e que, há apenas uns trinta anos, os últimos monarcas mandaram restaurar. Lá dentro, no paço, a mesma decadência: a talha e as pinturas dos salões principais e mais aposentados apresentam-se muito deterioradas, em alguns pontos não havendo já restado que lhes valha; na sua maioria, o mobiliário e o restante

EM CIMA — A ENTRADA DO PARQUE, COM AS ESTÁTUAS EQUESTRES, ALGÓRNAS DA FAMA

EM BAIXO — A FACHADA DE CERÂMICA, FRONTEIRA AO JARDIM



ESCALARIA DOS LEÕES E COLUNATA DA FACIADA LATERAL. EM BAIXO—SALA DAS SELENATAS, OU DA MÚSICA

recheio não são os cocvos daqueles que o mandaram erigir, e dependências há que, desde bastantes anos, jazem imersas em escuridão e se mantêm esquivas à curiosidade dos visitantes.

Contudo, mesmo assim, não obstante estas sombras de ruína, — que belo que tudo aquilo é ainda, como é evocador, quantos quadros

de grande colorido e de grande animação, à maneira dos que pintou Watteau, surgem, em visão, ante nossos olhos!

A velha e modesta casa de campo do sinistro Cristóvão de Moura, aquele que da pátria fez veniaga, somente se metamorfoseou na opulenta moradia que ainda hoje podemos admirar quando, já pertença da

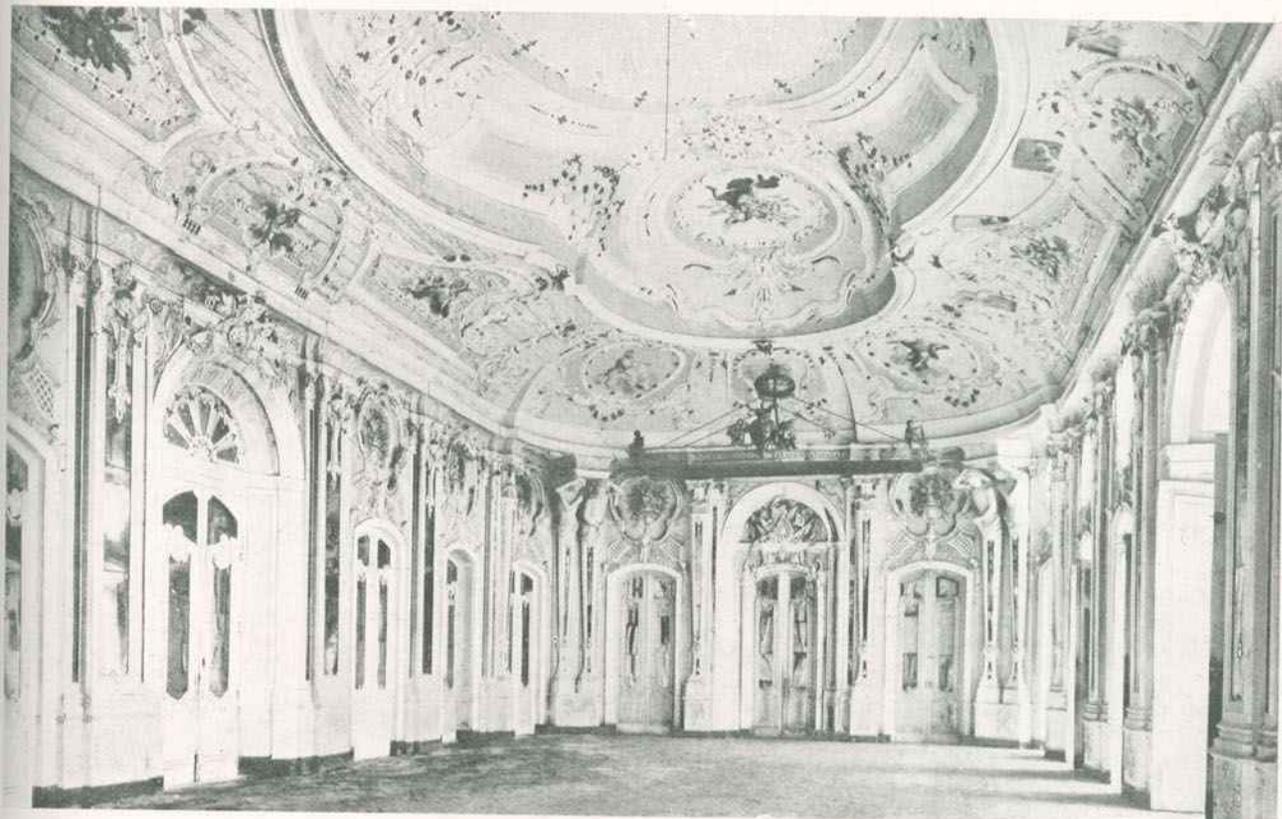
Casa do Infantado, em virtude da confiscação dos bens dos Castelos Rodrigues que D. João IV ordenara, D. Pedro, filho segundo de D. João V, dela tomou posse. Ele a ampliou, a modificou, a enriqueceu, entregando a sua reconstrução à exímia ciência de traçista de Mateus Vicente de Oliveira, nosso compatriota, discípulo do célebre Ludovico, e ao gosto requintado do architecto e escultor francês Jean Baptiste Robillon. A esse infante, que decerto herdara de seu pai o amor pelo fausto, ficámos devendo a existência dum Versailles português, que reflecte, como é natural, a arte dominante na época e traduz também a maneira de viver da sociedade que o frequentou, a do século XVIII, faceira e sensual.

De que festas esplêndidas foram testemunhas essas salas sumptuosas, a *das Talhas*, ou *dos Embaixadores*, a *do Trono*, e a *das Selenatas*, ou *da Música*? Quantas figuras de pólpa, primeiro esse D. Pedro, seu reedificador, depois outros infantes e príncipes, e mesmo monarcas, como D. João VI e D. Carlota Joaquina, o garboso D. Miguel desse retrato de Giovanni Ender que a *Sala do Lanternim* ostenta, e também Junot e o seu séquito, nos mais tempos das invasões francesas, e tantas, tantas outras mais, ali se agitaram, em épocas sucessivas, num clarão de pompa, de volúpia, de glória, de prestígio! Quantas cenas galantes nesses jardins, tão acolhedores, em seus caramanchões, para os pares amorosos! O Marquês de Rezende, o inglês Beckford, um e outro, falaram com saúde e com delícia dos dias fulgidos que decorreram nessa estância de prazer.

Mas, nem só de horas aprazíveis se gaba esse palácio real. Também ali se descuraram episódios de angústia, também a morte penetrou nele. Ao atravessarmos a sala de *D. Quixote*, que foi quarto de dormir de diversos monarcas, julgamos ainda ouvir o estertor de D. Pedro IV, que ali nasceu e ali se finou.

Velhos palácios, históricas moradias, apraz-me, quando os visito, o isolamento e a quietude: para que a minha imaginação ressuscite a vida morta, povõe os ermos lugares e torne eloqüente o silêncio!

César de Frias.



Escola de Maridos



Uma sala de aula, na nova «Escola de Maridos». Decorações cubistas de Bakst, de Benois, de Larianow.

Pequenas portas douradas. No auditório, homens de todos os tipos, de todas as idades, de todas as classes sociais, fumam e conversam. De repente, faz-se o silêncio: a PROFESSORA entra e ocupa a cátedra. É uma mulher de trinta anos, loira, coleante, pintada, arqui-moderna, sugestiva como um bailado russo. Vai começar a lição.

A PROFESSORA—Ao inaugurar hoje este curso, faço votos para que os futuros maridos, que me escutam, devidamente instruídos por mim, possam encontrar a felicidade no casamento. Vejo que o curso é numeroso, o que quer dizer que há muitos homens que desejam ser felizes. Mas a felicidade, meus senhores, não nos cai do céu, como a chuva de ouro de Júpiter; é preciso conquistá-la, e é preciso, por conseguinte, saber como ela se conquista. Há quem suponha que se nasce feliz ou desgraçado, como se nasce loiro ou trigueiro, com os olhos pretos ou azues, e que a ventura ou a desventura não passam de uma fatalidade agradável ou desagradável, que não está nas nossas mãos evitar. Puro engano. Ser feliz é uma arte. «C'est un métier—disse Balzac—qu'il faut se donner la peine d'apprendre». Aprende-se a ser feliz como se aprende a tocar violino, a jogar o bridge ou a andar a cavalo. E, se ser feliz sozinho é difícil, ser feliz a dois, no matrimónio, é mais difícil ainda. Poucos homens sabem ser maridos, porque nenhum aprendeu a arte de o ser. Devo confessar que há vocações apreciáveis, como há quem toque de ouvido. Mas, no casamento, meus senhores, é preciso ser feliz por música; é preciso conhecer os preceitos que regem a harmonia e a felicidade do lar; é indispensável que os noivos—sobretudo os ho-

mens—tenham recebido previamente uma educação sentimental e, até, uma educação doméstica apropriada. É essa educação que eu me proponho ministrá-lhes; é a arte de ser marido que constitui objecto deste curso,—curso essencialmente livre, como é livre o amor.

VOZES—Muito bem.

A PROFESSORA—Alguém estranhará, talvez, que ocupe esta cadeira uma professora, e não um professor. Não vejo motivo para estranheza. Em primeiro lugar, tratando-se de homens, é natural que este curso seja regido por uma mulher, porque ninguém



como as mulheres conhece a imperfeição dos homens, e ninguém, como elas, sabe a que condições deve obedecer um bom marido. Além disso, o lar—obra do amor—pertence muito mais à mulher do que ao homem, que é nele, de facto senão de direito, um hóspede; e quem cria e mantém o lar, que somos nós, tem mais autoridade e mais energia para o defender, preparando a educação sentimental dos futuros maridos. A mulher é, desde o berço, a melhor educadora do homem. A ela, que com prodigiosa intuição o ensina a falar, a ensaiar os primeiros passos e os primeiros sorrisos, estava naturalmente destinada a doce missão, bem mais difícil, de o ensinar a amar e a ser feliz. Haverá quem julgue inconveniente que uma mulher, sobretudo quando é bela, ensine semelhante matéria a homens. Não me preocupa isso a mim, meus senhores, porque o não sou.

VOZES—Não apoiado! Não apoiado!

A PROFESSORA—É, ainda quando o fôsse, se eu suspeitasse de que a minha beleza perturbava alguém, faria como a famosa Novela de Andréa, professora de direito da Universidade de Bolonha, que, para os seus discípulos se não distraírem a admirá-la, dava as suas lições de direito romano oculta por detrás duma tapeçaria.

UM SUJEITO CALVO—Eu declaro que, se vier a tapeçaria, vou-me embora.

UM «GENTLEMAN» VESTIDO DE PRETO—Doutora, é a olhar para si que melhor se aprende a amar e a ser feliz.

UM RAPAZ LOIRO—Permita-me uma pergunta. A nossa melhor professora não será a mulher que nos ama? Não é a própria mãe, que melhor ensina os filhos a beijar?

A PROFESSORA—Com efeito, meus senhores, eu confesso que o ensino prático é excelente como complemento da educação dum marido. Mas o ensino teórico é indispensável. Sem o conhecimento das doutrinas, os jovens maridos estragam o amor, e a mulher que os ensina—sempre sacrificada—já não é quem aproveita daquilo que ensinou. E depois, meus senhores, a mulher que ama não se encontra em condições de serenidade que lhe permitam educar o marido. Um educador apaixonado é sempre um mau educador. É preciso que os homens se casem sabendo já amar; e para isso estas escolas foram criadas, segundo o modelo da escola de Eisenach, pelo governo da nação. As modernas ideias russas e americanas sobre o casamento, determinando o bolchevismo do sexo, puseram em perigo a instituição da família. A família está ameaçada, porque está em perigo o amor; e o amor está em perigo porque o despiram de todo o ideal, de toda a dignidade e de toda a beleza. O que significa a grosseira sensualidade do amor escandinavo? O que significa a dura guerra que o senhor Mussolini está movendo a todo o romanesco amoroso? O que representam as ideias yankies do senador Ridgby e do juiz Burnell sobre o casamento a prazo? O que quer dizer, enfim, o código soviético, determinando, nos seus artigos 104 e 140, que o casamento não obriga a mulher à coabitação nem à fidelidade conjugal? Querem dizer que existe uma crise do amor, proveniente da carência de educação senti-

mental dos homens, e que essa crise tem de ser combatida, implacavelmente, pela grande evangelizadora do sentimento na terra, que é a mulher. Restituamos ao amor a poesia, a delicadeza, a dignidade e a virtude que ele perdeu; espiritualizemos a mais nobre de todas as paixões humanas; ensinemos os homens a amar; e, meus senhores, ao sol doirado da Hélade, as rosas hão de florir de novo sobre o túmulo sagrado de Platão.

VOZES — Muito bem, muito bem.

UM VELHO DE BARBAS BRANCAS — Eu não concordo.

UM JÓVEM DE OLHOS AZUES — O senhor, com essas barbas de apóstolo, tá mbém vem aprender a amar?

O VELHO — E porque não? Não disse o cardeal Bembo, no seu discurso célebre de Urbino, que são os velhos quem sabe amar melhor?

O JÓVEM DE OLHOS AZUES — Sabem, mas não podem.

A PROFESSORA, ao velho — Do que é que discorda, ancião?

O VELHO — As mulheres não têm autoridade para se constituírem educadoras dos maridos de amanhã, porque foram as más doutrinas do feminismo que ajudaram a perverter o mundo. As mulheres são ainda mais responsáveis do que os homens!

A PROFESSORA — Engano, meus senhores. A mulher tem o direito de pretender dirigir a educação sentimental do homem, porque é nela que residem todos os tesouros do sentimento. Pode alguma vez ter sido feminista pela inteligência; mas permanece feminina pela sensibilidade e pelo coração. Pode ter querido invadir a praça pública para participar na elaboração das leis, obra quasi sempre iníqua dos homens; mas nunca abandonou o lar, que é o seu templo; nunca trocou o gineceu pela Ágora; e, por mais vitórias que o feminismo obtenha, a mulher continuará a ser a frágil, a divina cariátide sobre cujos ombros delicados repousa o mundo da ternura humana. Acusem-na, embora, de ser revolucionária em política; mas toda a mulher é conservadora no amor; toda a mulher deixa ao homem o orgulho de possuir, e preferê a volúpia de ser possuída; e não há uma só filha de Eva, seja sábia como madame Curie, seja ministra como madame Nina Bang ou miss Margaret Bon-

field, seja literata como a Condessa de Noailles ou mrs. Ágata Christie, que não aceite, nos mistérios sagrados do amor, a submissão natural da mulher, e que não encontre na ideia dessa submissão uma infinita poesia. Mas é preciso não confundir, meus senhores, a doce passividade dos entes que nasceram para ser adorados, com a passividade infamante dos entes que nasceram para ser escravos.

A mulher quer ser adorada, mas não quer ser escrava. E porque um dia se revoltou contra a iniquidade das leis e contra a grosseira milenária do homem, porque reclamou a situação jurídica que lhe era devida na família, na sociedade e no Estado,

a mulher não subverteu o amor; pelo contrário, enaltece o amor, procura ser digna da auréola de adoração que a envolve, e tem feito tudo quanto nas suas possibilidades cabe para que o mais belo sentimento humano, base moral de todos os lares, deixe de ser o colóquio desagradável dum senhor e duma serva, para se tornar a comunhão suprema de dois seres igualmente livres, que aspiram, acima de tudo, ao ideal da perfeição moral.

UM RAPAZ MAGRO, COM POLAINAS DE «HIGHLANDER» — Mas, afinal, o que viemos nós aprender aqui?

O «GENTLEMAN» DE NEGRO — Silêncio. Deixe falar a oradora.

O RAPAZ DAS POLAINAS DE «HIGHLANDER» — É que eu ainda não ouvi dizer nada de novo.

A PROFESSORA — O que vêm aprender aqui? Vêm aprender o que é a mulher, que muitos têm confundido lamentavelmente com uma boneca ou com um animal doméstico. Vêm conhecer a psicologia instável, a natureza delicada, a sensibilidade fina do nosso sexo, porque é a ignorância, por parte do homem, dessa psicologia, dessa sensibilidade e

dessa natureza, que têm feito a desventura e a ruína de muitos lares. Vêm estudar a maneira de tratar uma mulher, de interessar a sua curiosidade, de conduzir o seu espírito, de satisfazer o seu coração, de adivinhar as suas vontades, de respeitar o seu pudor, de tirar partido dos seus próprios defeitos, muito mais interessantes, às vezes, do que as suas virtudes. Vêm aprender as regras e os preceitos da convivência íntima, que nunca ninguém lhes ensinou, que inteiramente desconhecem, e sem os quais a coabitação, longe de ser um prazer delicado, é um verdadeiro suplício. Vêm, enfim, completar a sua educação sentimental; preparar-se para a missão de ser maridos e pais; conhecer a arte de amar, e a arte, mais difícil ainda, de fazer-se amar; aprender, numa palavra (porque os homens ainda se encontram em estado semi-selvagem), a ser bons, a ser cortes, a ser tolerantes, a ser bem educados, a ser felizes, e, o que mais importa, a fazer a felicidade da mulher que os ama, ou que julga amá-los. Digam-me, em consciência: onde está aí, entre tantos que me escutam, o homem que saiba, numa só palavra, encantar e prender uma mulher? Onde está aí o homem que saiba pôr-nos, com elegância, uma capa sobre os ombros, que saiba escolher-nos o perfume que nos agrada, o livro que nos interessa, a flor que nós preferimos? Onde está o homem que saiba adivinhar os nossos silêncios, compreender os nossos sorrisos, ler no nosso coração? Onde está o homem que nos saiba vestir? Onde está o homem que nos saiba beijar? É tudo isto que eu venho ensinar-lhes, porque os senhores, embora não se convençam, ignoram-no ainda. Na verdade, porque se há de aprender a dançar, a cantar, a tocar saxofone, — e não se há de aprender a ser marido?

O RAPAZ LOIRO — Eu permito-me, entretanto, fazer-lhe uma pergunta, minha senhora. Parece-me bem que as mulheres nos ensinem a amar. Mas quem é que ensina as mulheres?

O JÓVEM DOS OLHOS AZUES — São os homens?

O VELHO DAS BARBAS BRANCAS — São as feras?

O «GENTLEMAN» — São os anjos?

A PROFESSORA, levantando-se — Ignorantes! É Deus.





AS

nistro plenipotenciário de Portugal em Bruxelas. Foi este ilustre diplomata e escritor quem, há cerca de trinta e seis anos, pediu a Columbano que lhe fizesse o desenho que reproduzimos, e a ele devemos a honra e o prazer de poder reproduzi-lo nas nossas páginas.

No terceiro capítulo do livro que Alberto de Oliveira intitulou *Êça de Queiroz* (Portugal-Brasil, Editora) e onde o autor das *Palavras Loucas* tornou públicas tantas interessantíssimas impressões e memórias do seu convívio com o imortal estilista do *Mandarin* e da *Relíquia*, poderá ler-se, a pág. 44 e seguintes:

«... Foi por aquela época que combinámos fazer reviver a *Revista de Portugal*, com a feição mais modesta e acessível de um *magazine* literário, e com o título que, depois de ter sido ajudadamente fantasista — *A Cegonha* — se resignou a ser familiar e burguês — *O Serão*. *Êça de Queiroz* seria o director, eu o secretário. Os seis primeiros números estavam prontos a publicar-se; a capa da revista saíra já, em originais linhas e cores, do pincel do grande pintor Columbano. Mas, o director regressou a Paris, o secretário ingressou no Ministério dos Estrangeiros, e assim faleceu, antes de nascer, o nosso tão esperado *Serão*. Para encontrar êste fácil e ameno baptismo, quanto monárquicos! Tardes seguidas, em minha casa, mostrando deserer de qualquer achado feliz das nossas respectivos inspirações, *Êça de Queiroz* recomendava-me que, armados de paciência, agássemos o difícil e fugitivo título... folheando o Dicionário! E, com efeito, empreendemos essa viagem, cada qual munido de um Roquete, sondando-o página a página; parando, quando algum vocábulo nos parecia digno da candidatura, e apreciando-o e comentando-o alegremente. Foi assim que encontramos a *Cegonha*, aye entre tôdas estética e que para mim

Um inédito de Columbano

era um simbolo bastante exacto do próprio *Êça de Queiroz*. Foi assim que, recendo a incompreensão do grande público, em face de um rótulo tão subtil, viemos a encontrar, já nas últimas letras do Dicionário, o democrático e inteligível *Serão*, que por fim adoptámos.»

Esta a história da feliz revista, se são felizes as revistas que não têm história, como

Outro aspecto curioso d'êste capítulo, aliás malgrado, da biografia literária de *Êça de Queiroz*, é o das dificuldades materiais ou técnicas que em 1894 se levantavam entre nós, contra o empreendimento de uma boa Revista ilustrada.

Dessas nos dá a medida o próprio *Êça*, em duas cartas que sobre o assunto escreveu a Alberto de Oliveira e que se encontram a

págs. 254 e 261 do volume póstumo intitulado *Correspondência*.

Era então, ao que parece, obrigatório mandar vir de França as matrizes de estampas ou ilustrações com que havia de fazer-se em Portugal uma illustração... portuguesa. Se o admirável escritor resuscitasse agora, veria que bastante se progrediu por cá a êste respeito, apesar dos mil empecilhos fiscaes e outros, que sistemáticamente se opõem a qualquer iniciativa de servir a cultura nacional e expandir o nosso pensamento e a nossa lingua.

Da maneira como Columbano se desempenhou do encargo falia bem eloquentemente a reprodução da sua obra. Basta observar como se esmerou o artista a dar à capa encomendada todo o carácter português



os povos nas mesmas circunstâncias. Note o leitor apenas como era tímida a irreverência de 1895. Hoje em dia nenhuma susceptibilidade arripriaria o grande público, se lhe offerecessem uma publicação intitulada *O Rincocronte*, e até *A Serpente* ou *A Gibóia*.

e etnográfico, mobilando o *Serão* com a mesa de torcidos, o candeciro de três bicos, a cadeira de espaldar de couro pregado de amarelo, a braseira das noites de província e o lídimo tapête de Arraiolos... Era um formal programa do nacionalismo da revista.

Quentes e boas!...

sia certa e vai seduzindo todos com o seu grito que tem algo de hospitaleiro:

— Quentes e boas!... Estão quentes!...

a aristocracia da profissão, um grupo escultórico do Bordalo, numa quietude verdadeiramente estatuária, a velha gor-



Quentes!...

Às primei-
ras nebli-

nas do inverno lisboeta, êste inverno amável, doirado a espaços por uma réstea de sol melancólico, debanda a passarada do arvoredo despido para as incógnitas luras que, por beirais e cornijas dos velhos casarões, lhes oferecem refúgio e abrigo. Por outro lado, às ruas molhadas e rebrilhantes das primeiras chuvas saem os enxames dessa outra pardalada gárrula que grita, à compita:

— Quentes e boas!... Quentes!... Quentes!...

Param as caravanas de rapazio das escolas, com suas réguas e os livros em molhos, debaixo dos braços, param mulheres de grossos chailles peludos, homens de boina verde e marujitos novos. Todos compram. A fazenda vai sendo cara. Longe o tempo em que à compita também, os garotos das castanhas, em redor dos cestos bojudos abafados, semelhando minaretes mouriscos enfarpelados de grossaria, podiam gritar, em grandes berros:

— Dé réis vinte... e boas!... A arder!

Hoje a mercêcia dêste bufarinheiro que, como o sol erador, reparte o calor pelos mortais, já alcança preço maior, mas não tanto, humilde negociante, que não sejam as suas castanhas fumegantes acessíveis a todos os que passam, batendo o asfalto molhado com as alpargatas esfriapadas, a gola de ganga a prometer calor ao pescoço magro, o bafo quente a brincar, em nuvemzinhas, adiante da pobre boca habituada a meia ração e ao jejum. E por isso o rapazito tem fregue-



UM TOSTÃO DAS QUENTES!...

(Foto de José M. Coutinho)

Enquanto mais além, à porta iluminada da taberna, de onde vem um acre odor de azeites fritos e velhos, se desenha



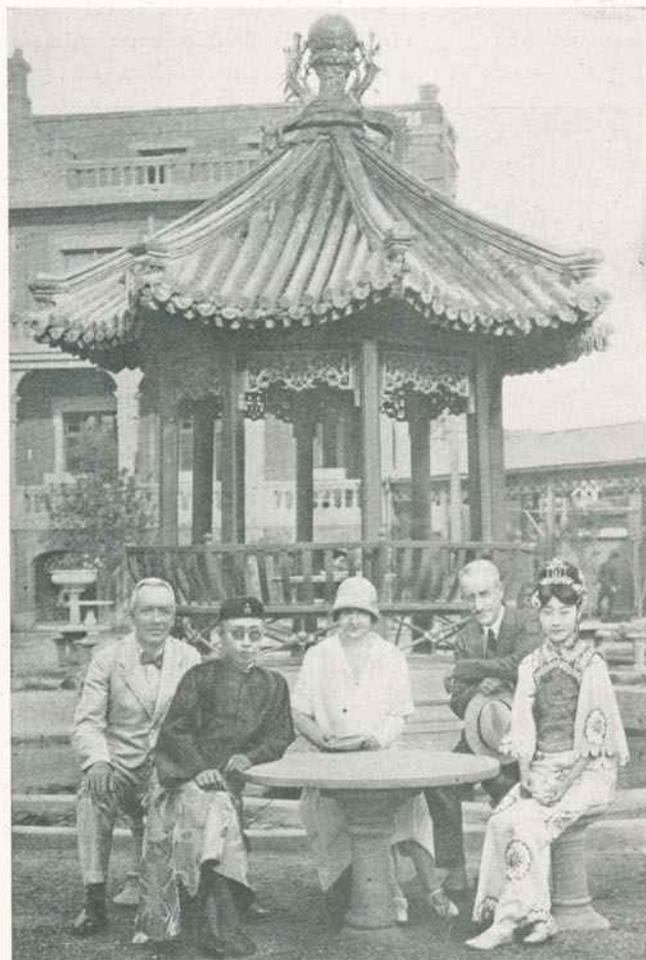
(Foto de Aureliano Carneiro)

da, o assador fumegante e às vezes um velho gato negro e pelado que faz das proximidades daquele triste e pequeno comércio de castanhas assadas o seu refúgio hibernal, chegando-se muito ao fogareiro de cinzas, esperando, com uma paciência oriental, que volte o tempo em que os pássaros saem das luras e dos beirais, êsse tempo de sol em que se refugiam, sabe Deus onde, a velha gorda, o assador e os pobres rapazitos, com os cestos vazios, emmudecidos pelo calor do sol os seus gritos lancinantes de:

— Quentes e boas!... São quentes!... Quentes!...

João de Sousa Fonseca.

O CONFLITO SINO-JAPONÊS



O JOVEM EX-IMPERADOR DA CHINA, HSIAN-TUNG, A QUEM SE ATRIBUÍ O PROPÓSITO DE SE PROCLAMAR IMPERADOR DA MANDCHÚRIA, E SUA ESPOSA, NA JARDIM DA SUA RESIDÊNCIA EM TIEN-TSIN. NO MESMO GRUPO VÊM-SE, O ANTIQO TUTOR INGLÊS DO EX-IMPERADOR, MR. R. F. JOHNSTON (À SUA DIREITA) E LORD E LADY WILKINGDON. ÀS GRAVURAS EM BAIXO REPRESENTAM— À ESQUERDA: CHANG HSUCH-LIANG, O DITADOR DA MANDCHÚRIA, E O PANCHAN LAMA, O ACTUAL BUDDHA DO TIBET. À DIREITA: UM POSTO DE METALHADORAS JAPONÊS NUMA DAS PRINCIPAIS RUAS DE MUKDEN



ASPECTO DA CONCESSÃO JAPONÊSA EM MUKDEN



PATROLHA JAPONÊSA DE VIGILÂNCIA A UMA PONTE FERROVIÁRIA, NAS VICINHAÇAS DE MUKTEN

MOVEM-SE exércitos, trocam-se notas diplomáticas que denunciam interesses que colidem, dão-se, inclusivamente, recontros de que resultam centenas de feridos e de mortos. Contudo, ninguém pronuncie aí a palavra guerra! Guerra, entre o Japão e a China, guerra positivamente, não há: apenas um conflito.

Este eufemismo é grato nos pacifistas à outrance: não os contrariemos... Mas, se não há guerra, há paz. Paz armada, esclarecem os que querem justificar a persistência dos armamentos. Sim; mas, neste caso do Extremo-Oriente, trata-se então da paz armada e... sangrenta.



Soliloquios e Comentários



AINDA a castração dos estrangeirismos. Nos nossos teatros, suprimindo o francesíssimo *fauteuil*, ficou uma indecisa primeira platéa em seu lugar. Ora nós temos o termo próprio, que é *poltrona*. O Brasil há muito que o usa, tendo-o certamente ido buscar ao seu Moraes e Silva, que já em 1813 a definia como «cadeira de braços em roda do encosto». Nós podíamos ir mais longe, mas podemos também contentar-nos com o Cândido de Figueiredo. E de tudo isto se prova que em Portugal se não sabe português e que poltrona não é apenas o feminino de poltrão.

O Parlamento espanhol declarou o rei Afonso XIII fora da lei por traidor, e prepara-se para o espoliar dos seus bens. Nós, em 1910, fomos bem mais justos ou mais generosos. D. Manuel conserva os seus bens e ninguém o apodou de traidor. Parece que há no Parlamento espanhol quem queira comprometer a República, forçando-a a apresentar-se odiosa aos olhos do mundo. Afonso XIII deve, a esta hora, estar-se a lembrar do último czar. E eu penso que o justo é sempre forte, enquanto que o forte nem sempre é justo. Quantos não lapidam hoje a mão ante a qual, há pouco ainda, solicitavam a honra de se prosternar para a beijar!

«**N**ÃO é com vinagre que se apanham moscas». Pois não. Mas se não fosse o vinagre terias que pôr um pólcia ao pé de cada mosca... para que ela te não chamasse tólo.

A Faculdade de Farmácia é na quinta da Torrinhã, a uns 400 metros do eléctrico de Entre-Campos. Vai-se lá por campo disfarçado em horta, e parece, de longe, ao ver os seus muros ameçados, uma sucursal da Penitenciária. Tenho estado a imaginar que motivo levariam os que serram de cima a desterrar os pobres jalapeiros para um sítio que seria um óptimo hospital, um esplêndido sanatório, e até mesmo o merífico Palácio da Justiça, que por toda a parte procura assento, mas que a ninguém parece o local melhor congeninado para manipular xaropes e aviar tubos de comprimidos. Parece que havia um sujeito que tinha uma quinta e que esse sujeito descobriu que o que ficava bem nessa quinta era uma fonte de água destilada. Vai daí, instalou nela a Faculdade de Farmácia,

Diz-me aqui do lado um aluno, que será bom que me cale e bemdiga os deuses.

Porque a quinta podia ser em Telheiras e a uma hora de vila e termo.

GUERRA Maio publicou um artigo sensatíssimo com as opiniões de um congressista da crítica, em que este condena a barulheira infernal de Lisboa e a



sua pseu nocturna. zão às car duas ho noite, diz, ruas de Lis gente que Paris às dadas as propor

do-vida Tem raras. As ras da há nas boa mais nas de 8, guardévidas ções populacionais. É factó. Mas é que, em Paris, o dia de trabalho amanhece mais cedo. Não há muito ainda, em Bruxelas, eu tinha à porta do meu hotel, às 6 e meia da manhã, o director de uma grande fábrica de Charleroi, que me ia acompanhar às suas oficinas. Pois já podia tomar o primeiro almoço e já o movimento das ruas era intenso. Em compensação, às 23 horas as ruas estavam desertas.

Entre nós, aqui há anos, os empregados públicos entravam às 10 e saíam às 16. Um ministro, amador da bela pátria, determinou que eles passassem a entrar às 11 e a sair às 17. Vantagens para ninguém e inconvenientes para muitos. Depois, os teatros acabavam à meia-noite e tal. Hoje, nos de sessões, a 2.ª começa às 23 e acaba depois da 1. Quem não fique nos camarins, só lá para as 2 e meia está em casa. Lisboa fica, assim, conhecida pela cidade que se levanta tarde. Que eu, por mim, estou convencido de que, se obrigassem o português a subir o que deve na sua capacidade de trabalho, ele não poderia, sob pena de rebentar, andar às 2 da noite, na rua Augusta, a ver a cara... dos guarda-nocturnos.

PARA se ser feliz é preciso não crer nem querer. Não acreditar, nem desejar

é próprio dos mortos. E os mortos são, em toda a roda que o sol cobre, os únicos felizes.

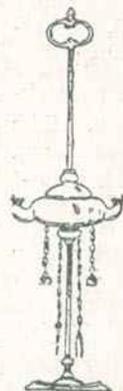
A revista espanhola *Estampa* encetou um inquérito *Que le parece a usted el suicidio por amor?* Pois parece-nos uma rematada tolice que, felizmente, vai rareando por falta de tolos que a pratiquem.

LISBOA em 6 anos, nestes últimos 6 anos, tem progredido mais que nos 50 anos que os antecederam. Mas para cada melhoramento, que aluvião de protestos! Protestos para deitar abaixo o mercado 24 de Julho, protestos para modificar o Rossio... Não há dúvida que, num povo que quere a todo o transe conservar os seus farrapos e os seus piolhos, é difícil avançar. Não somos nós um povo conservador?

ENTRETIVE-ME, uma noite destas, para descansar, a ler *O Cântico dos Cânticos*, e pensei que hoje seria impossível escrever aquelas coisas. Hoje, tudo o que não seja a *Arte de ganhar à roleta*, o *Manual do perfeito «eseroc»*, o *Guia elementar do cadastrado*, não vale nada. Cada tempo tem a sua literatura. É por esta razão que, hoje, a gente pensa que esse tal Salomão, que dizem ter escrito aquelas coisas, devia ter sido um ratão tão original como telhudo.

DIZEM que, num leilão de livros últimamente realizado, Guerra Junqueiro teve lanços insignificantes, ridículos mesmo. É moléstia passageira. Junqueiro não está sujeito já ao martelo do leiloeiro. Quando a Morte o pôs em praça, a Posteridade arrematou-o.

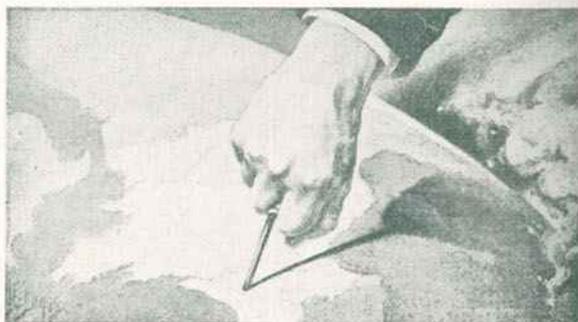
D. Ramon del Valle Inclan pôs novamente a circular aquela estafada ideia da ca, que já em uma crise apaixonou nhóis e por D. Sinibaldo Coelho, Não nos que vá lá diz o que vale que mal do. Não é panha seja nhia, mas que somos pequenos. E quenez, que gulho, ser a única razão da nossa grandeza.



Albino Forjaz de Sampaio.

A TERRA PERFURADA DE POLO A POLO

FANTASIA OU LOUCURA?



Júlio Verne, que antes de Wells exgotou toda a fantasia permitida em face da ciência, descreve em um de seus mais famosos romances a empreitada de um sindicato yankee, que por meio de um canhão gigantesco, fundido directamente no interior de uma rocha viva, em uma montanha da África, pretendia alterar a posição da Terra no espaço; isto é — modificar a direcção do eixo da Terra.

O resultado prático dessa magnífica obra seria modificar o clima de várias regiões do globo terrestre, inclusive o Polo, que passaria a ser habitável; o meio positivo de obter a mudança de posição do eixo da Terra seria o recuo produzido pelo tiro de um canhão espantosamente grande, disposto com a alma paralelamente à superfície do globo.

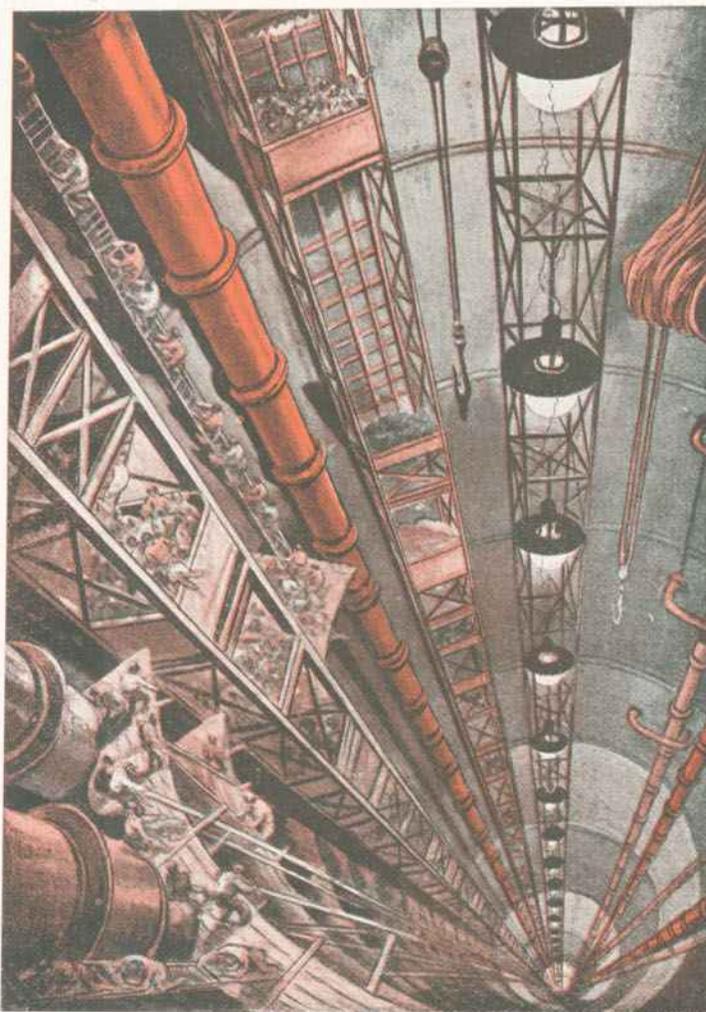
Fantasia de romancista! Mas, agora, sábios de perfeita respeitabilidade pretendem algo de mais admirável e ousado: a abertura de um túnel, que atravessasse a Terra de lado a lado, de Polo a Polo.

COMO? PARA QUE?

São as perguntas que acodem instintivamente ao espírito do leitor.

Como? Empregando todos os recur-

sos da engenharia moderna, que oferece recursos por assim dizer infinitos.



O TRABALHO NO POÇO — A ABERTURA DE UM TUNEL, QUE ATRAVESSASSE A TERRA DE LADO A LADO, SERIA UMA OBRA TITÂNICA. O DESENHO ACIMA DÁ UMA IDEIA DO QUE SERIA ESSE TRABALHO COLOSSAL. O ASPECTO QUE AÍ SE APRESENTA AJUDA A IMAGINAÇÃO A TER UMA PREVISÃO DESSE SOSTO

Para quê? Em primeiro lugar para suprimir do cérebro humano umas tantas preocupações e curiosidades ansiosas, para resolver de uma vez por todas o problema do centro da Terra e, finalmente, para aproveitar as preciosas jazidas minerais que o globo

terrestre contém no seu bojo. Como se vê, o plano não é inspirado somente por ambição de conhecimentos seguros: há também nele um lado utilitário, que não é o menos apreciável.

O mais curioso é que essa ideia assim atrevida e ingente nada tem de nova. Data do século XVIII, e foi objecto de longuíssimas discussões entre Maupertuis e Voltaire, no tempo em que se redigia a primeira enciclopédia.

Por sinal que procurando elementos para demonstrar a exequibilidade do plano, o sábio Maupertuis descobriu um texto de Plutarco que, já no século II de nossa era, lançara a primeira hipótese dêsse empreendimento.

Por sua vez, o sarcástico Voltaire foi encontrar nas experiências feitas por Galileu no século XIV, sobre as leis do pêso, e nos estudos de Newton sobre a atracção universal, elementos novos para o debate.

E é preciso não esquecer que também o divino Dante no canto XXXIV de seu imortal poema descreveu o fim de Lucifer, que caiu do céu à terra com tal força que, penetrando no globo pelos antípodas, só foi parar no centro da Terra, encaiado aí pela força da lei que nesse

ponto atraí todos os pesos e portanto elimina-os.

...il punto, al qual si traggon d'ogni parti i pesi.

UM ERRO DO POETA

Esse trecho da Divina Comédia chama a atenção para as mais interessantes experiências, que seriam permitidas pela perfuração desse poço maravilhoso, experiências sobre o peso e a atracção.

Em todo o caso é bom determinar desde já que Dante errou imaginando que um corpo atirado da superfície da Terra seria detido no centro do globo pelo facto de ser aí o centro de atracção de todos os pesos. O poeta esqueceu a intervenção da força produzida pela própria queda. E pode-se mesmo dizer que Dante foi duas vezes iludido pela sua imaginação, esquecendo-se também de que, exactamente no centro da Terra, o ponto de reunião de todas as forças invisíveis da atracção, a força atractiva não pode ter o *maximum* do seu poder, e sim o *minimum*.

Chegando ao centro da terra, o corpo estaria animado por uma velocidade que seria bastante para fazê-lo proseguir na viagem até o outro extremo do eixo do globo, até ao outro Polo.

Depois, teóricamente, o corpo devia voltar ao centro e remontar ao ponto de partida para continuar *per omnia secula seculorum* esse movimento de vai-vem, transformado em pêndulo eterno.

A SINGULARIDADE DA LEI DO PÊSO

Qual seria a duração de uma queda na abismo? A viagem, ida e volta, atra-

vés da terra, dada a força conhecida da atracção terrestre e o peso normal de um homem, duraria 84 minutos ou sejam: — 1 hora e 24 minutos. O viajante chegaria ao centro da terra com uma velocidade de 9.546 metros por minuto e, em vez de estacionar ali, como Lucifer, continuaria, precipitado pelo impulso do próprio peso, até a outra superfície da terra, de onde, atraído pela mesma força, voltaria com a mesma velocidade. Mas esses cálculos só seriam rigorosamente exactos se o viajante caísse de um orifício situado

na vertical da altitude, que muito altera o grau da força atractiva do planeta.

Resta o ponto mais grave a encarar, dada a impaciência que caracteriza os tempos modernos: — quanto tempo duraria a execução de semelhante obra? No mínimo, 35 anos.

Concurso fotográfico de flagrantes para amadores

Como já noticiámos, a Ilustração iniciará no próximo número de 1 de Janeiro de 1932, um concurso fotográfico de instantâneos de movimento, publicando todas as fotografias que lhe sejam enviadas e que representem flagrantes. Indispensável é que essas fotografias nunca tenham sido publicadas e não sejam de tamanho inferior a 6x9 nem superior a 18x24. As fotografias que satisficam as condições do concurso serão reproduzidas com o seu número de ordem.

Haverá, pelo menos, seis prémios

Um para a fotografia que represente mais originalidade.

Dois prémios para as duas fotografias imediatamente classificadas também pela sua originalidade.

Outro para a fotografia cujo número seja igual aos três algarismos finais do número contemplado com o primeiro prémio da próxima lotaria de Santo António.

E ainda mais dois prémios para as duas aproximações a esse número.

A Ilustração recebe desde já fotografias para o Concurso, cuja publicação será iniciada na data acima referida. Indispensável é que cada prova traga nome e residência do concorrente.

No próximo número de 15 de Dezembro daremos o plano geral definitivo dos prémios.



AS PERFURADORAS MONSTRUOSAS — No fundo do poço, movidas por dinamos de força prodigiosa, fazem o trabalho de lentilhas de homens, descobrindo minerais desconhecidos e pulverizando rochas milenárias

ao nível do mar. Se o fôsse no cimo de uma montanha das mais altas do mundo ou em uma escavação mais ou menos profunda, seria preciso ter em conta a diver-





Vida Elegante

Prado Sanches de Baena, D. Maria Luísa Carvalho Monteiro, D. Maria do Patrocínio Cárdenas Lane, D. Noémia Prats, D. Estela Belmarço da Costa Santos e D. Virgínia

Casamentos

Com grande brilhantismo, realizou-se, na capela particular da sr.^a D. Eugénia de Lemos da Silveira Viana, viúva do capitalista sr. Francisco da Silveira Viana, ao Largo Afonso Pena, o casamento da sr.^a D. Virgínia Mendes Tição, gentil filha da sr.^a D. Virgínia Mendes da Silva Amendoeira e do sr. José Rodrigues Tição, já falecido, com o sr. Joaquim Teixeira de Sampaio Júnior, filho da sr.^a D. Olinda da Saúde de Sampaio e do sr. Joaquim Teixeira de Sampaio.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Alda Maria Dias da Silva e D. Sára da Silva e Sousa, e padrinhos os srs. Alfredo de Oliveira Pires e José Cardoso de Sousa.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência da mãe da noiva um finíssimo lanche.

Aos noivos foi oferecido grande número de artísticas prendas.

— No Porto, realizou-se, com grande esplendor, na paróquial igreja de Nossa Senhora da Conceição, o casamento da sr.^a D. Alice Sedra Cardoso, interessante filha da sr.^a D. Adozinda Sedra Cardoso e do sr. Fortunato Cardoso da Costa Guimarães, já falecido, com o distinto engenheiro sr. dr. Flávio de Matos Ferreira, filho do ilustre clínico sr. dr. António de Matos Ferreira.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Maria Paulina Carqueja Sedra Cardoso, cunhada da noiva, e D. Maria José de Castro Ribeiro Marques Gomes, e de padrinhos os srs. Fortunato Sedra Cardoso, irmão da noiva, e engenheiro Manuel Marques Gomes (filho).

Conduziu as alianças o sobrinho da noiva, menino Fortunato Sedra Cardoso Sarmiento Pimentel.

De caudatárias da noiva serviram as meninas Maria João Sedra Cardoso Sarmiento Pimentel e Maria Elisa Carqueja Sedra Cardoso, também sobrinhas da noiva.

Pindo o acto religioso foi servido, na elegante residência da mãe da noiva, um finíssimo lanche.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

D. Nuno.

Na Embaixada Brasileira

Festejando o 42.^o aniversário da proclamação da República Brasileira, realizou-se, na tarde do dia 15 de Novembro último, no palácio da Embaixada do Brasil, à rua António Maria Cardoso, uma brilhante recepção, à qual concorreram, além do corpo diplomático, membros do Governo português e da colónia brasileira em Portugal, e grande número de famílias da nossa primeira sociedade.

Além de animada conversação depois do chá, servido no salão de mesa, dousou-se quase sem interrupção até perto das 21 horas ao som de uma exímia orquestra *jazz-band*, que se fez ouvir em um magnífico repertório de músicas modernas.

O ilustre Embaixador em Portugal, sr. dr. José Bonifácio de Andrada e Silva, sua esposa e filhos, acompanhados pelo restante pessoal da Embaixada e do Consulado, foram de uma cativante amabilidade para com os seus convidados, que se retiraram verdadeiramente encantados, não só pela forma cativante como foram recebidos, como também pelos deliciosos momentos que lhes proporcionaram.

Festa de Caridade

Com uma enorme e selecta concorrência, realizou-se, na tarde de sábado último, no Central Cinema, uma interessante *matinée* cinematográfica de caridade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, da qual faziam partes as seguintes:

D. Alice Moreira, D. Benedita de Almeida Lima, D. Berta de Portugal, D. Berta de Sequeira, condessa de Almoester, condessa de Bomfim, condessa da Torre, D. Eugénia Canas, D. Maria Ana da Fonseca Baltazar, D. Maria Ana Portocarrero da Câmara Mesquita, D. Maria Carlota da Câmara (Belmonte), D. Maria da Conceição de Sarrea



A SR.^a D. VIRGÍNIA MENDES TIÇÃO E O SR. JOAQUIM TEIXEIRA DE SAMPAIO JÚNIOR, POR OCASIÃO DO SEU CASAMENTO, REALIZADO NA CAPELA PARTICULAR DA SR.^a D. EUGÉNIA DE LEMOS DA SILVEIRA VIANA, AO LARGO AFONSO PENA

Freire de Andrade. O produto da festa destinava-se à benemérita instituição de caridade «Casa de Trabalho de Benefic».



ASSISTÊNCIA À RECEPÇÃO REALIZADA NO PALÁCIO DA EMBAIXADA DO BRASIL, NA TARDE DE 15 DE NOVEMBRO, ÚLTIMO, POR OCASIÃO DO 42.^o ANIVERSÁRIO DA PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA BRASILEIRA, VENDO-SE AO CENTRO O ILUSTRE EMBAIXADOR E SUA ESPOSA, SR.^a DE ANDRADE E SILVA, RODEADO DO GOVERNO PORTUGUÊS, CORPO DIPLOMÁTICO E MEMBROS DA COLÓNIA BRASILEIRA E DA MELHOR SOCIEDADE LISBOETA

Interessante concurso de .: fotografia .:



A ESQUERDA (EM CIMA) — GRAN-
DE PRÊMIO INTERNACIONAL E 1.º PRÊ-
MIO DE «RETRATOS»; (EM BAIXO) —
1.º PRÊMIO DE «AR LIVRES», NO
MEIO — 1.º PRÊMIO DE «ANIMAIS».
A DIREITA — 1.º PRÊMIO DE
«CRIANÇAS»

Literatura portuguesa no estrangeiro

DEMORA, há anos, na rica república do Chile, um compatriota nosso que é um espírito cultíssimo e um devotado amigo da sua terra. Seu nome é este: Artur Vieira. Não têm conto já os serviços por ele prestados à propaganda e à exaltação dos nossos valores intelectuais, no país onde vive e onde goza de um grande prestígio. Pelo jornalismo e pela conferência, sempre que tem pretexto para evocar e salientar ali a nossa produção literária, fá-lo com desvelo e entusiasmo. Mais uma vez isso verificámos, ao recebermos alguns números de domingo do importante diário *El Mercurio*, que se publica em Santiago do Chile, êsses esplêndidos números dominicais, ricos de colaboração ida de todo o mundo, da imprensa sul-americana. Em dois dêles arquiva-se, na íntegra, uma conferência brilhantíssima realizada pelo sr. Artur Vieira e em que êle se ocupou de «O que foi e é a poesia feminina portuguesa». A êle cabe bem o título de embaixador das nossas letras no país chileno.

Livros novos

A relação, já publicada, dos livros novos que, amavelmente, nos foram oferecidos e a que, quando tenhamos oportunidade, mais de espaço faremos referência, acrescentamos hoje os seguintes: *Em volta duma espada* (Glórias Mirandesas), pelo major António José Teixeira; *Namorados e Amantes*, por Mercedes Blasco; *A Catedral Bracarense*, por

A casa Kodak promoveu um grande concurso internacional de fotografia, em que se fizeram representar 48 países e a que afluíram três milhões de provas. Em 18 do mês corrente efectou-se em Genebra o último acto d'êste importante certame, que consistiu na classificação dos 6 melhores instantâneos apresentados por todos os países do mundo e entre os quais Portugal não faltou. Os prêmios atribuídos foram os seguintes: o Grande, de 10.000 dólares, coisa como uns 300 mil escudos nossos, e mais um troféu de prata, ao sr. Chas W. Powel, de Manchester (Inglaterra), que obteve também o 1.º Prêmio da classe «Retratos», de 1.000 dólares e medalha de ouro; 1.º Prêmio de «Ar Livres», de 1.000 dólares e medalha de ouro, ao sr. N. Watanabe, de Los Angeles (E. U. da A.); 1.º Prêmio de «Animais», de 1.000 dólares e medalha de ouro, ao sr. Max Seidel, de Neudorf (Alemanha); 1.º Prêmio de «Crianças», de 1.000 dólares e medalha de ouro, ao sr. Luís Brandão, de S. Paulo (Brasil); 1.º Prêmio de «Ocupações», 1.000 dólares e medalha de ouro, ao sr. Hans Jensen, de Aars (Dinamarca); e o 1.º Prêmio de «Naturezas Mortas», de 1.000 dólares e medalha de ouro, a Madame Laurence Thiebaut, de Castelnaudary (França).

Reproduzindo, nesta página, quatro das fotografias premiadas, apraz-nos notar que o sr. Luís Brandão, autor da seleccionada na classe «Crianças» é de nacionalidade portuguesa e filho do sr. Artur Brandão, director desta revista, cujos interessantes netinhos constituem o assunto da fotografia em referência.

Zarco de Almeirim; *Meu Portugal, meu gigante*, por Adolfo Simões Müller; e *Phlogistos*, por Emiliano da Costa, com desenhos de Roberto Nobre.

Dr. Samuel Maia

ESTÁ em vias de completo restabelecimento, facto com que muito nos congratulamos, o nosso ilustre colaborador dr. Samuel Maia, que há tempos, como foi noticiado, deu uma queda e fracturou uma perna.

O número de Natal da «Ilustração»

A nossa revista prepara um número de Natal, a sair no dia 15, que vai causar sensação, quer pelo seu esplendor gráfico, quer pela valia da sua colaboração literária. Nela colaboram, entre outros, os escritores Eugénio de Castro, Júlio Dantas, Antero de Figueiredo, Aquilino Ribeiro, Brito Camacho, Agostinho de Campos, Albino Forjaz de Sampaio, Sousa Costa, César de Frias, João de Sousa Fonseca, Salazar Carreira, etc. Além da capa, uma maravilha de cor e de originalidade, inserirá esplêndidas gravuras a cores ilustrando os artigos e também em *hors-texte*. Sem excluir o registo das actualidades e tôdas as mais sceções habituais, como cinema, modas, desportos, passatempos, enriquecerão o seu sumário vários e magníficos artigos alusivos à mais festiva data do calendário cristão, entre os quais anunciamos já um intitulado «A divina criança», da pena consagrada de Júlio Dantas.

Ferreira de Castro

ENCONTRA-SE, felizmente, livre de perigo o distinto escritor e jornalista, sr. Ferreira de Castro, cuja grave enfermidade tanto sobressaltou os seus camaradas de letras e os admiradores dos seus livros.

As Mulheres e a Democracia



A recente campanha eleitoral inglesa em que, novamente, a mão da mulher pesou, foi forte e poderosa, através do delicado e frágil movimento com que lançou na urna os pedacitos de papel contendo a sua vontade, decidida, enérgica e consciente, faz-me pensar—e tanto!—nos milhões de mulheres cuja mão não pesa, cuja vontade é tibia e que só podem e só valem pela fragilidade da mão, pelo ondular da vontade, tendo o poder de serem fracas e o valor de serem unidas.

Há um século que a hegemonia do mundo pertence à Inglaterra e ainda nada nos faz prever que ela passe a outrem esse ceptro duramente ganho e sustido; nada; a não ser, talvez, Gandhi. É tão estranho esse agitador de almas, esse profeta economico-político, esse homem de ciência e de leis, com os quadris enfaixados em cambraia e um colar de jasmim ao pescoço! Desnortecia-nos de tal forma nos processos de luta, na indumentária, nos argumentos, que não me admira de, por ele, vir a ficar tudo desnortecido!

Fantasia, profecias... De positivo temos a Inglaterra imperatriz do mundo e a mulher imperatriz da Inglaterra. Será o novo poder que se levanta um sorriso de mão misericordiosa sobre este vale de lágrimas em que tanto gememos e choramos? Sabe-se lá! Como tudo que seja humano é imperfeito e transitório; é um passo cambaleante, uma tentativa; o governo só dos homens provou tão mal! deixa a terra povoada de ruínas, as almas sedentas, as bocas famintas! As nações entre si, os povos entre si, os homens entre si, chocam-se, rangem os dentes e preparam-se para a luta, querem conquistar, possuir, repartir! E afinal o que ninguém vê, o que ninguém quer ver, é que o mundo, expresso na riqueza comum, nos bens entesourados pelo trabalho humano, é pequeno para a larga saciedade dos apetites de todos! Ainda não vi que constituísse o ideal governativo dos homens e a bandeira dum partido político, o pão a todas as bocas e o conchêgo de todos os corpos. Impostos, portos, estradas, comércio, indústria, exércitos, instrução, etc., tudo isto preocupa os governos, os partidos, os políticos; somente se esqueceram dos desgraçados.

Os desgraçados aumentam, sobem em maré devastadora, batem convulsivamente nas portas desse Palácio da Ventura do mundo burguês.

A mulher vem chamada ao Fórum, quasi simultaneamente em toda a Europa, pelo S. O. S. duma sociedade em naufrágio.

Não se sabe se ela trará à terra mais felicidade; menos é difícil. É de justiça que ela mande e governe, porque suporta o mando e o governo e como o homem sofre a vida melhor ou pior que a gerência do país causar. A justiça é um sentimento sagrado, e toda a alma bem formada não recusa apoiar uma causa justa. A palavra «Justiça» profundamente pensada, clamada na nossa mente como um grito da consciência, comove todas

as fibras do nosso ser! Olhando os factos sem preconceitos, apenas visando um ideal de justiça, reconhece-se a razão da intervenção da mulher no governo do país.

Os regimes democráticos e parlamentares exigem a difusão da cultura e o seu êxito depende da nítida compreensão que os indivíduos tenham do valor cívico da sua cooperação; menos do que o homem, a mulher está apta a ser um elemento consciente e valioso nestes regimes. Fará a sua aprendizagem política, que o homem também faz. Há de titubear, vacilar, errar. Há de colher dos próprios erros aquele saber de experiências feito com que se firmam as convicções e que é o eterno calvário por onde se sobe ao esplendor da Cruz.

Mas como é deminuto, como é um palmo de Via Láctea, o número de mulheres nesta conquista do Ouro, nesta corrida atraz duma tura maior!

Quantas? Quantas são as compradas e vendidas esposas e esposas que cultiva o marido? Quantas são as únicas moças de ventura le em que das negras terão de veres consciências? Os de muas asiáticas, hindús, musnas, as mongóis,



Das desenchantadas? Das que cravam, das e pelos pais, entrembre a terra vam para o que as padam com o mento de na vida aqueforam favoricomo um tropicos, as algum dia cívicos, uma cía despermiões lhères chinesas, sulmanas, as tártaras, as egipcias, as algerianas, as marroquinas, escravas de religiões, de costumes, da familia, do preconceito, cérebros em negrume, carnes de maternidade e prazer, sem direitos civis ou jurídicos, sem leis que as protejam, seres quasi sem humanidade, quasi sem alma e abandonadas de Deus, terão algum dia a plena posse de si mesmas e dos direitos das gentes?

Ser ou não ser feliz—*that is the question*. Serão mais felizes as mulheres depois de chamadas a governar? Será mais proveitoso para elas trocar as coisas macias em que pensam, as coisas macias em que se envolvem, pela plena liberdade, todas as audácias, a luta da vida sem o escudo dum homem? Haverá menos miséria, menos dor, menos ódio, menos gritos de agonia e ranger de dentes neste sombrio mundo, nesta humana comédia? Interrogação a que só o futuro responderá.

Eu duvido. Eu duvido que qualquer dos nossos esforços aliviem a dor antiga que a alma humana grita e que só se extinguirá no extertor da última boca.

Vem do fundo dos tempos, de profundidades que causam pavor, esta ânsia de vencer a desgraça, este erguer de mãos súplicas para a inatingível ventura. E gira-se num círculo vicioso, porque um bem que se encontra gera logo um novo martírio. O homem achou o fogo e continuou a ter frio. Matou para comer e tem fome. Fez leis para o protegerem e o arbítrio governa. O camponês feudal, o servo da gleba, oprímido de tributo, vexado, esfomeado e tremendo de terror, não conseguindo com o mais duro trabalho o farto sustento dos seus, era menos desgraçado que o operário de hoje. Em que é este mais feliz? Tributado de impostos indirectos que não vê nem compreende, esfomeado, morrendo estrangulado pelo capitalismo, não conseguindo com o mais duro trabalho o farto sustento dos seus! É eterna a dor, é eterna a miséria humana! O operário actual é incontestavelmente um ser livre, igual em regalias ao mais alto dos cidadãos; o mundo está aberto diante d'elle; tem o pleno direito de partir à conquista da mais bela situação, de atingir a fortuna. Viva a democracia! Lugar ao mérito!

Era risível se não fôsse cruel, este lôgo das fórnulas democráticas, este dizer a uma criatura que o azul do céu lhe pertence e cortar-lhe as asas para voar! Na organização da sociedade actual há só uma força viva—o dinheiro—*l'argent toujours et encore!*

Disseram aos homens que todos eram iguais e gritaram às mulheres que eram iguais aos homens. E agora todos, cientes dos seus direitos, anseiam por realizar a nova esperança. Anseiam-no com sofreguidão, com cólera, frementes de raiva e dispostos a derubar todos os obstáculos. Todos os direitos revelados que não tinham efectivação, geram ódios, geram revoltas!

Por isso eu digo que o mísero camponês feudal, o humílimo servo da gleba, quasi um escravo, pouco mais que um animal, era menos infeliz, menos miserável, do que o povo soberano das nossas democracias. Tinha Deus! e só nele esperança! Todos os direitos lhe eram vedados. A nada aspirava. Sabia que lhe cumpria sofrer a vida assim, sem possível melhoria. Sofria, sem revolta, com humildade.

Sofrer, sem ódios, sem revoltas, sem braços que se estorcem de raiva, sem bocas que gritem impreações, com a alma plena de renúncia e resignação, talvez seja a mais duradoira das venturas possíveis!

Ah! Mulheres! Mulheres! A voz que nos acorda do nosso sono de odaliscas, para nos lançar, *désenchantées*, no caminho da terra em que havemos de amassar o pão com o suor do rosto, não seria a voz da serpente?

Maria Archer

O MUSEU MILITAR



PÓRTICO MONUMENTAL, DE TEIXEIRA LOPES

LISBOA possui, para regalo dos que ainda se interessam pelas evocações das épocas gloriosas, um lindo Museu, um tanto fora dos afans ociosos da Baixa, arrastando aquela vida honesta de casa às moscas como convém a qualquer dos Museus da capital.

Trata-se do antigo Museu de Artilharia, hoje Museu Militar, que se ergue ali na Fundação de Baixo, onde foram as *Tercenas das Portas da Cruz*, criadas por D. Manuel I para Depósito de Material de Guerra e oficinas, incluindo a da fabricação da pólvora.

Embora em 1842 o general Barão do Monte Pedral ordenasse a arrumação e classificação no edifício de Santa Clara dos modelos de máquinas e aparelhos e de todos os objectos raros e curiosos existentes no Arsenal do Exército, devesse a instalação do actual Museu Militar e toda a sua organização, planos e atractivos no general Eduardo Ernesto de Castelbranco, distinctíssimo official que ao Museu dedicou, desde 1870 a 1905, data em que faleceu, todo o esforço de uma perseverança sem limites, correndo paredes meias com uma sensibilidade invulgar em qualquer «troupeira».

Em todo o seu conjunto, não será este Museu, tanto pelo seu recheio como pelas obras de arte que ali se admiram, coisa de tanto espanto como o Musée de l'Armée, a Rial Armeria de Madrid ou o Museu da Torre de Londres mas, para a modéstia dos nossos recursos, representa um inestimável agente cultural, um grande empreendimento, sabido como é que pertencemos a uma terra de colecionadores avarentos, de incorrigíveis iconoclastas, isto para não falar das consciências gananciosas que, durante uma certa época de escassa vigilância, promoveram sistematicamente o *déménagement* para o estrangeiro do muito que para ai havia com algum valor histórico ou artístico.

Haja em vista aquele caso típico das centenas de armaduras e armas brancas que, nos fins do século passado, foram vendidas como sucata e arrematadas a sete vintens o quilo por um secretário da Embaixada da Rússia que as fez expedir, depois, para es diferentes museus do seu país.

Se bem que o Museu Militar tenha estado bastante longe da curiosidade do grande público, tem-se notado ultimamente um progressivo aumento no número de visitantes, cuja qualidade, segundo informes do próprio Museu, se fixa na sua maioria em gente do povo, varinas, marceantes, trabalhadores da Alfama, de todo esse formigueiro alare da cidade que, nos seus fatos domingueiros e em humilde compostura, desfilam pelas salas do Museu, agora embasbacados ante as formidáveis bombardas do tempo da Índia, mais adiante, em extase, ante a espada fulgurante do Condestabre.

A despeito de tóla a sorte de dificuldades e por uma inadmissível penúria orçamental, os planos do general Castelbranco têm fructificado e os seus continuadores de agora têm-se esforçado por imprimir ao Museu aquele sentido de atracções tão úteis a uma multidão que, em se tirando um espectáculo de *foot-ball*, ou uma tarde de torios, está sempre pronta a despenhar-se naquela *apagada e vil citações de* *tristeza das*



MORTEIRO DA QUINTA DO WANZELLER

Baixo, incluindo o pátio onde estão dispostas centenas de bocas de fogo de todas as épocas da nossa história.

A parte decorativa além do pórtico monumental, devido ao cinzel de Teixeira Lopes, é constituída por obras de talha de subido valor e na escadaria principal e peristilo podem-se admirar belos azulejos do século XVIII.

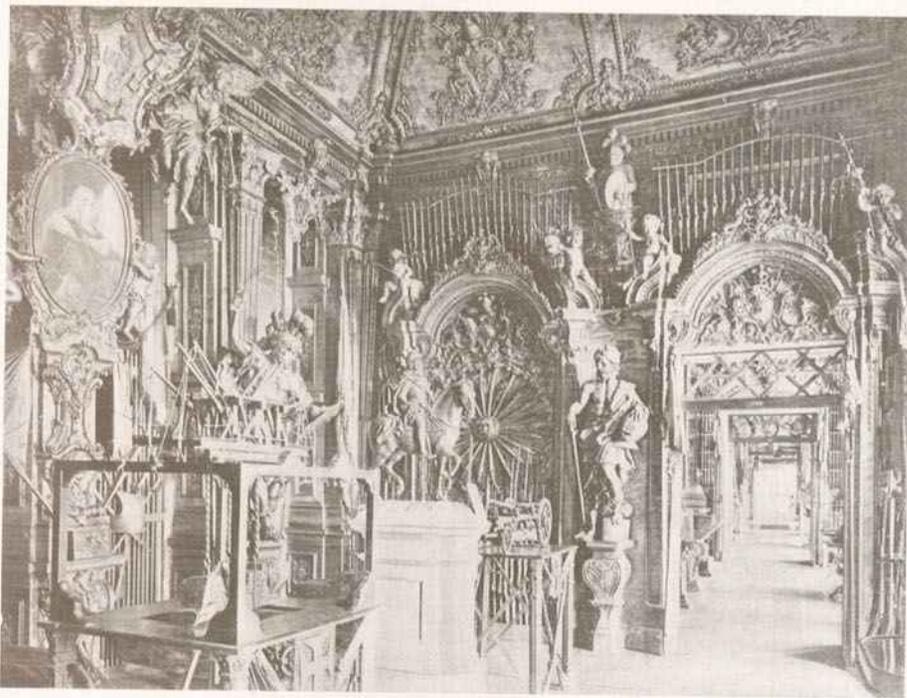
Aparte a sala *República*, atravancada por um busto official assente numa espécie de mausoleu (?) e a sala *África*, de uma grande frialdade com somenos recordações e documentos das nossas últimas campanhas coloniais e ainda a sala provisória da Grande Guerra, cujo título provisório só por si explica a penúria e vulgaridade do seu recheio, em todas elas para o espirito organizador e a sensibilidade patriótica do general Castelbranco.

Rapidamente, como se eu próprio fôsse o *guia*, começo por conduzir o visitante à sala «Vasco da Gama», no rés-do-chão, onde assentam alguns *trons* velhos-rellhos dos fins do século XIV e algumas dessas formidáveis bombardas, testemunhas *eloquentes* das nossas glórias da Índia.

Subindo a escadaria, já no peristilo, admiram-se as pinturas que decoram o tecto, devidas aos pincéis de Bruno José do Vale, Bernardino Pegado e ao seu discípulo Pedro Alexandrino, todos eles pintores grados dos fins do século XVIII. No peristilo, destaca-se um enorme esmerilhão com fechos de sillex, destinado a fazer fogo por sobre muralhas de fortaleza.

Nas paredes, ornatos representativos das Comendas da Torre e Espada e de S. Tiago, formados pelos mais variados e curiosos artigos de material de guerra.

Na sala da «Guerra Peninsular» é todo o



SALA DE D. JOSÉ I

De resto não admira que o povo sinta estas coisas melhor que ninguém. Não fôsse ele o intemerato conquistador de todas as glórias metropolitanas, o obreiro incansável do nosso império colonial.

tempo dos franceses que ali se evoca. Talvez porque seja de uma época mais recente e até por certos vislumbres de reconstrução, é uma das salas mais atraentes do Museu.

Há ali nas suas vitrines e armários bastos motivos para admirar, desde a veda aos autó desde a procla

do Pôr deus do Wellin Na sala «das Pisporventu-espasosa e la, não saque mais se as no- corações tectos e as valioes de ar- executa- essa habi- poração rios do Ar- Exército.

Nolugar está o re rainha D. pintado quim Ra painéis do tecto liciano Auxilia pintura, Caetano da sé Carva

Feliciano Narciso foi um dos antigos alunos da célebre escola de Vicente Baccarelli, pintor italiano que esteve em Lisboa nos princípios do século XVIII.

Bruno José do Vale foi o émulo de Pedro Alexandrino de Carvalho. Deve-se-lhe o S. Sebastião da igreja de Santa Isabel e a Sagrada Família de Santo António da Sé.

Pedro Alexandrino foi o autor do *Salvador do Mundo* que existe na Sé de Lisboa e pela sua fama é hoje um pintor que se acha representado em muitos dos templos e conventos que por ali há em Portugal.

A sala «D. José» é a mais ricamente decorada de todo o Museu.

Al se admiram formosíssimos trabalhos de talha e as quatro estátuas de madeira dourada representando o Valor, a Fidelidade, Vulcano e Marte, obra do esculptor de madeira e metais Francisco António, falecido nos fins do século XVIII, pensionista em Roma e discípulo de Angelini e Canova.

Além de um grande número de armas portáteis e trabalhos que demonstram bem o período áureo das fábricas do Arsenal do Exército e da Fundação, todo o interesse desta sala está nos modelos reduzidos da estátua equestre de D. José e do carro que serviu para conduzir as colunas de pedra destinadas ao Arco da Rua Augusta.

O nome glorioso de Machado de Castro enche esta mimosa sala e, seria injustiça se não nos referíssemos a Bartolomeu da Costa, o insigne fundidor que chegou a ter o posto de tenente-general, inventor da máquina que serviu para tirar a estátua equestre, com o peso de 29,371 quilogramas, da cova de fundição, utilizando para tudo apenas doze operários.

Bartolomeu da Costa também descobriu uma porcelana com a qual fez diferentes objectos delicados e medalhas.

A sala «D. João V», precioso ambiente com delicadas talhas douradas e as estátuas em madeira de Minerva e Neptuno, por Francisco António, mostra-nos, além do retrato d'esse monarca e da fôrma que se empregou no Arsenal para se fundir em bronze o busto destinado à sala da exposição de paramentos da célebre capela de S. João Baptista, duas telas de Artur de Melo e Luciano Freire, representando uma o combate de Matapan e outra o embarque do Conde do Rio Grande, comandante da Esquadra que foi auxiliar a Itália contra os turcos.



MARECHAL DE CAMPO (1800)

«D. Ma- das Pisporventu-espasosa e la, não saque mais se as no- corações tectos e as valioes de ar- executa- essa habi- poração rios do Ar- Exército.

Nolugar está o re rainha D. pintado quim Ra painéis do tecto liciano Auxilia pintura, Caetano da sé Carva

Feliciano Narciso foi um dos antigos alunos da célebre escola de Vicente Baccarelli, pintor italiano que esteve em Lisboa nos princípios do século XVIII.

Bruno José do Vale foi o émulo de Pedro Alexandrino de Carvalho. Deve-se-lhe o S. Sebastião da igreja de Santa Isabel e a Sagrada Família de Santo António da Sé.

Pedro Alexandrino foi o autor do *Salvador do Mundo* que existe na Sé de Lisboa e pela sua fama é hoje um pintor que se acha representado em muitos dos templos e conventos que por ali há em Portugal.

A sala «D. José» é a mais ricamente decorada de todo o Museu.

Al se admiram formosíssimos trabalhos de talha e as quatro estátuas de madeira dourada representando o Valor, a Fidelidade, Vulcano e Marte, obra do esculptor de madeira e metais Francisco António, falecido nos fins do século XVIII, pensionista em Roma e discípulo de Angelini e Canova.

Além de um grande número de armas portáteis e trabalhos que demonstram bem o período áureo das fábricas do Arsenal do Exército e da Fundação, todo o interesse desta sala está nos modelos reduzidos da estátua equestre de D. José e do carro que serviu para conduzir as colunas de pedra destinadas ao Arco da Rua Augusta.

O nome glorioso de Machado de Castro enche esta mimosa sala e, seria injustiça se não nos referíssemos a Bartolomeu da Costa, o insigne fundidor que chegou a ter o posto de tenente-general, inventor da máquina que serviu para tirar a estátua equestre, com o peso de 29,371 quilogramas, da cova de fundição, utilizando para tudo apenas doze operários.

Bartolomeu da Costa também descobriu uma porcelana com a qual fez diferentes objectos delicados e medalhas.

A sala «D. João V», precioso ambiente com delicadas talhas douradas e as estátuas em madeira de Minerva e Neptuno, por Francisco António, mostra-nos, além do retrato d'esse monarca e da fôrma que se empregou no Arsenal para se fundir em bronze o busto destinado à sala da exposição de paramentos da célebre capela de S. João Baptista, duas telas de Artur de Melo e Luciano Freire, representando uma o combate de Matapan e outra o embarque do Conde do Rio Grande, comandante da Esquadra que foi auxiliar a Itália contra os turcos.

Ali se exibem também modelos reduzidos de guindastes, cabrilhas e cabrestantes, o estandarte real de damasco vermelho destinado em 1750 a ser arvorado nas festas reais e ainda uma coleção de espingardas e carabinas manufacturadas no país e nas fábricas estrangeiras.

Agora entramos na sala «Afonso de Albuquerque», onde Condeixa e Jorge Colaço fixaram, nas suas telas, os transe heróicos da conquista de Malaca e a tomada da Ilha de Socotrá.

É pena que nesta sala, tão pouco evocativa dessas figuras assombrosas de Duarte Pacheco e Afonso de Albuquerque, não tenha sido possível reunir um conjunto de elementos que pudessem servir para elucidação dos visitantes sobre as nossas glórias da Índia.

A sala «D. João de Castro», rica em trabalhos de talha, mostra-nos três medalhões dourados representando Afonso de Albuquerque, D. Francisco de Almeida e D. Duarte de Menezes e, em cima de cada porta, um medalhão representando, respectivamente, D. João de Castro e D. Nuno Alvares Pereira.

Na parede vê-se um retrato de D. João de Castro, cópia de um outro que passa por autêntico e se considera o único existente em Portugal.

De resto em vitrines podem-se ver modelos reduzidos de artilharia nas paredes teoportáteis e arpostas.

A sala «Euro das salas moderção do tecto é Numa das pa

de artilharia las paredes teoportáteis e arpostas. pu é a primeira nas. A decora- de Columbano. redes uma gran- S o u s a

de artilharia las paredes teoportáteis e arpostas. pu é a primeira nas. A decora- de Columbano. redes uma gran- S o u s a

de artilharia las paredes teoportáteis e arpostas. pu é a primeira nas. A decora- de Columbano. redes uma gran- S o u s a

de artilharia las paredes teoportáteis e arpostas. pu é a primeira nas. A decora- de Columbano. redes uma gran- S o u s a

de artilharia las paredes teoportáteis e arpostas. pu é a primeira nas. A decora- de Columbano. redes uma gran- S o u s a

de artilharia las paredes teoportáteis e arpostas. pu é a primeira nas. A decora- de Columbano. redes uma gran- S o u s a

de artilharia las paredes teoportáteis e arpostas. pu é a primeira nas. A decora- de Columbano. redes uma gran- S o u s a

de artilharia las paredes teoportáteis e arpostas. pu é a primeira nas. A decora- de Columbano. redes uma gran- S o u s a

de artilharia las paredes teoportáteis e arpostas. pu é a primeira nas. A decora- de Columbano. redes uma gran- S o u s a

de artilharia las paredes teoportáteis e arpostas. pu é a primeira nas. A decora- de Columbano. redes uma gran- S o u s a

das imortais de Vasco da Gama e do Santo Condestabre.

Nas paredes Columbano interpretou na sua Arte sem igual algumas das passagens do poema de Camões.

Em nenhum dos museus que tenho visitado na Europa me foi dado admirar uma sala com tanto equilíbrio na preciosidade dos seus objectos, na simplicidade das suas decorações, na grandeza dos seus quadros.

A sala «Infante D. Henrique», essa tem a valorizá-la sobretudo as formosíssimas telas do Mestre Malhó, pujante afirmação de um talento que felizmente ainda é vivo para regalo dos nossos olhos e da nossa sensibilidade.

Ligando estas duas salas é objecto de maior interesse a «Sala Restauração de Portugal», pequeno recinto onde podemos evocar num discreto ambiente as horas de febre que nos custaram o derrubar dos opressores.

Passada a «Sala Portugal», a última da parte principal do museu, e onde se destraldam, numa vibrante teoria, modelos de tôdas as bandeiras do país desde a fundação da nacionalidade até aos nossos dias, saímos para o pátio e, visitada a sala provisória da Grande Guerra, fixamo-nos nessa centena de hócas de fogo que jazem agora naquele empedrado depois de terem guarnecido, altivas, em tempos idos, ameias e bastiões.

De todo esse material um simples morteiro tem uma história que só por si vale o interesse de todo o bronze que aí se exhibe.

É o morteiro da quinta do Wanzeler que, nas campanhas da Liberdade, durante o cerco do Pôrto, semeou a morte nas baterias migue- listas, acrescentando glória e valor à bandeira de D. Pedro IV.

A história é simples e vale a pena contá-la.

Havendo necessidade de fazer calar uma bateria miguealista que, instalada em Gaia, desmoralizava as tropas do Pôrto, lembrou o comandante geral da artilharia, José Baptista da Silva Lopes (depois barão do Monte Pedral), mandar fundir um morteiro com o bronze de um outro que rebentara e mais algum que se obtivesse no Pôrto. Para isso utilizou-se a oficina de um fundidor de sinos e começaram aqui as dificuldades, porque pri-

meiro, era pre- a capacidade do do, arranjar le o bronze, o que naqueles tem De tudo isto mestre fundi José Arauza, morteiro, reco não tinha a al e o seu diâme nor do que Pela imdade de broca pa tar o diã quando to vam estar perdido, le mbrou visar um de nava vidos a assim se aprontar o Mas fal ea em que assente, e ma deira fazer nem ra fundir, apuros al pôs que se uma das culares da Wanzeler, ma deira a almeja

meio, era pre- a capacidade do do, arranjar le o bronze, o que naqueles tem De tudo isto mestre fundi José Arauza, morteiro, reco não tinha a al e o seu diâme nor do que Pela imdade de broca pa tar o diã quando to vam estar perdido, le mbrou visar um de nava vidos a assim se aprontar o Mas fal ea em que assente, e ma deira fazer nem ra fundir, apuros al pôs que se uma das culares da Wanzeler, ma deira a almeja

meio, era pre- a capacidade do do, arranjar le o bronze, o que naqueles tem De tudo isto mestre fundi José Arauza, morteiro, reco não tinha a al e o seu diâme nor do que Pela imdade de broca pa tar o diã quando to vam estar perdido, le mbrou visar um de nava vidos a assim se aprontar o Mas fal ea em que assente, e ma deira fazer nem ra fundir, apuros al pôs que se uma das culares da Wanzeler, ma deira a almeja

meio, era pre- a capacidade do do, arranjar le o bronze, o que naqueles tem De tudo isto mestre fundi José Arauza, morteiro, reco não tinha a al e o seu diâme nor do que Pela imdade de broca pa tar o diã quando to vam estar perdido, le mbrou visar um de nava vidos a assim se aprontar o Mas fal ea em que assente, e ma deira fazer nem ra fundir, apuros al pôs que se uma das culares da Wanzeler, ma deira a almeja

meio, era pre- a capacidade do do, arranjar le o bronze, o que naqueles tem De tudo isto mestre fundi José Arauza, morteiro, reco não tinha a al e o seu diâme nor do que Pela imdade de broca pa tar o diã quando to vam estar perdido, le mbrou visar um de nava vidos a assim se aprontar o Mas fal ea em que assente, e ma deira fazer nem ra fundir, apuros al pôs que se uma das culares da Wanzeler, ma deira a almeja

meio, era pre- a capacidade do do, arranjar le o bronze, o que naqueles tem De tudo isto mestre fundi José Arauza, morteiro, reco não tinha a al e o seu diâme nor do que Pela imdade de broca pa tar o diã quando to vam estar perdido, le mbrou visar um de nava vidos a assim se aprontar o Mas fal ea em que assente, e ma deira fazer nem ra fundir, apuros al pôs que se uma das culares da Wanzeler, ma deira a almeja

meio, era pre- a capacidade do do, arranjar le o bronze, o que naqueles tem De tudo isto mestre fundi José Arauza, morteiro, reco não tinha a al e o seu diâme nor do que Pela imdade de broca pa tar o diã quando to vam estar perdido, le mbrou visar um de nava vidos a assim se aprontar o Mas fal ea em que assente, e ma deira fazer nem ra fundir, apuros al pôs que se uma das culares da Wanzeler, ma deira a almeja

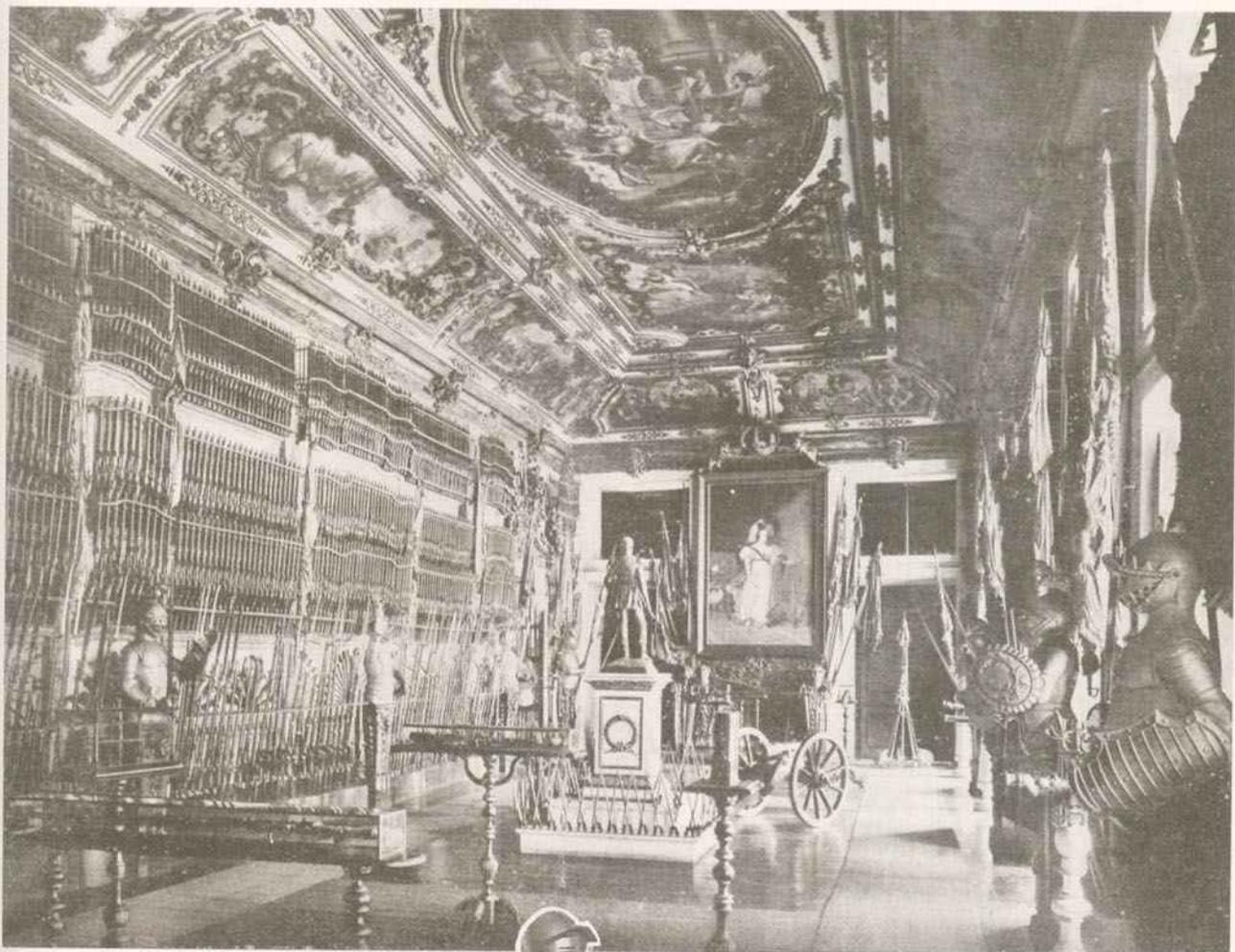
meio, era pre- a capacidade do do, arranjar le o bronze, o que naqueles tem De tudo isto mestre fundi José Arauza, morteiro, reco não tinha a al e o seu diâme nor do que Pela imdade de broca pa tar o diã quando to vam estar perdido, le mbrou visar um de nava vidos a assim se aprontar o Mas fal ea em que assente, e ma deira fazer nem ra fundir, apuros al pôs que se uma das culares da Wanzeler, ma deira a almeja



CAPITÃO DO REGIMENTO DE INFANTARIA DE MILÍCIAS DE VIANA (1710)



SOLDADO DA LEAL LE GÇÃO LUSITANA (1710)



vel tempestade desabou sobre o Pôrto. Na manhã seguinte, quando o Imperador ainda estava na cama, Baptista Lopes veio dizer que uma das árvores seculares tinha sido derrubada pela força do vento. D. Pedro IV, sentando-se no leito, disse logo em tom de censura:

— «Ah! Baptista, Baptista, tu fizeste alguma?!»

Ao que o valoroso oficial respondeu:

— «Meu senhor, dou a minha palavra de honra a Vossa Majestade de que em tudo isto só entrou a obra da Providência.»

Por isso nunca é bom desanimar porque Deus também, quando callha, pode estar ao lado de quem defende a liberdade.

Propositadamente, deixei para o final, a referência à pequena sala que o Museu hoje destina à exposição das alfaias religiosas que pertenceram à igreja do Antigo Asilo dos Inválidos Militares de Runa, bem como de várias peças de porcelana e cristais que pertenceram à princesa D. Maria Benedita, a generosa doadora desse estabelecimento destinado a albergar os que na guerra se tivessem inutilizado como sucedeu aos que vieram da Campanha do Russilhão.

É uma homenagem tocante e, embora tudo o que ali se veja não tenha o interesse que o imponha a um museu militar, bem fez o Museu em utilizar essa exhibição como processo de *reclame* pois que, três ou quatro objectos como a custódia cravejada de centenas de brilhantes e pedras preciosas, o lampadário D. João V com perto de setenta quilos de prata, o Cristo de marfim e ainda um



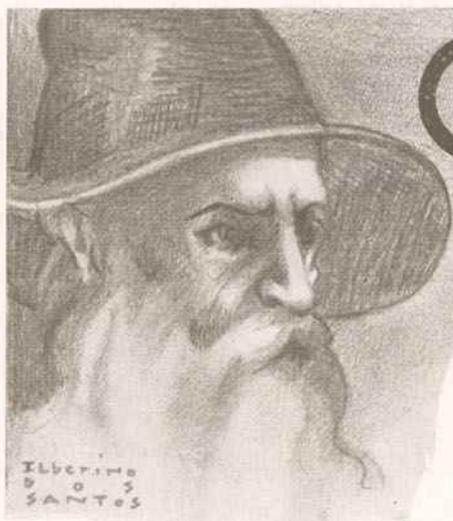
crucifixo de ferro trabalhado, são suficientes para atrair ao antigo Museu de Artilharia, um público que, ignorante do que ali se exhibe como inestimáveis testemunhos das nossas glórias militares, mais facilmente vai atrás das exposições preciosas de objectos de arte aplicada.

De resto, nem as porcelanas e cristais, nem a custódia de prata dourada e brilhantes, nem o lampadário D. João V valem, para a minha vista e para o meu gosto, essas duas delicadas pinturas religiosas sobre bronze que ladeiam, numa vitrine, o grande Cristo de marfim, raro pelas dimensões do material em que é feito, e que, escapando certamente à massa geral do público que visita um museu militar, não escapa, com certeza, à sensibilidade dos que vão visitar um museu de Arte.

O dr. José de Figueiredo, ilustre director do Museu de Arte Antiga, alguma coisa poderia dizer, de sua justiça, êle que tem sido o intemerato zelador do nosso património artístico e a quem o país deve o estrondoso successo, em Paris, da Exposição de Arte Portuguesa no Museu do Jeu de Paume.

Enfim, vale a pena, em cada ano, destinar um domingo a visita do Museu Militar, o que se impõe não só à população das escolas, mas também aos que, livres de ideias retrógradas ou isentos de particularismos de classe, tão incompreensíveis nos nossos dias, pretendam educar as crianças na confiança em si mesmas, pela admiração dos gloriosos atestados que ali se exhibem, do muito que, em todas as épocas, temos feito pela independência de Portugal e pelo culto das liberdades públicas.

EM CIMA — SALA DE D. MARIA II
EM BAIXO — «HOMEM DE ARMAS DO SÉCULO XVI»



O Delator

por FERNANDO PAOLIERI

Fernando Paolieri, que é um dos mais categorizados representantes do moderno pensamento literário em Itália, nasceu em Florença em 1878. Possuindo uma vasta cultura clássica, inclinou os seus passos nas letras em 1908, com o poema rústico *Vênus Agreste*, sendo, contudo, como confessa que a sua personalidade ganha mais relevo. Os seus contos possuem um forte sabor realista, com certo parentesco com o que se respira nos contos normandos de Maupassant, e, como estes, são sempre alentados por uma profunda vibração humana.

Como dramaturgo, Paolieri é um dos nomes mais cotados na Itália de hoje, e à sua fecunda actividade literária se devem alguns romances que se tornaram célebres pela enorme popularidade que alcançaram.

Fernando Paolieri vive modestamente em Florença, completamente absorvido pelos seus trabalhos literários. Colabora com assiduidade nos principais jornais da Itália — no *Corriere della Sera*, entre eles, e ainda lhe resta tempo para recorrer aos pinéis e exprimir também na pintura as suas ânsias de beleza.

O sargento Rafael deu um salto na cadeira, abrindo muito os olhos perante o relato do seu interlocutor.

— Estás a falar a sério? Tens a certeza? — exclamou.

— Tão certo como eu estar aqui!

— *Napoli*?

— *Napoli* em pessoa.

— E como é? Viste-o bem?...

— Um pouco atarracado, com a barba e o cabelo grisalhos; começa a envelhecer, mas é ainda muito robusto, o nariz aquilino, os olhos verdes, mãos enormes, uma cicatriz na face esquerda...

— É ele, é ele, não há dúvida! Tu ganhavas um milhar de liras e eu as divisas de oficial... Queres tomar alguma coisa?

— Primeiro vamos ao que importa: que tenho eu que fazer?...

— Ah! É verdade... — e o sargento franziu a testa — Vou-te expôr o meu plano; mas — sentiu-se invadido por um escrúpulo —, é claro que tu...

— Eu?... Sim?...

— Confio em ti e em que não voltarás as costas até ao último instante; quanto ao resto, se deres à língua, desgraçado de ti.

O velho caçador teve um sorriso de

desprezo que iluminou a sua fisionomia franca, um pouco astuta, queimada do sol e consumida pelos excessos; depois, metendo febrilmente a mão pela camisa, tirou uma medalha presa a uma fita e pô-la, com ímpeto convulsivo, diante dos olhos do militar, dizendo-lhe:

— Aqui tem a garantia!

— A garantia? Que garantia?

— Não compreende... Ainda não compreende que eu não sou um espia? Que não me importa nada esse tratante, nem a gente que ele matou, nem a justiça, nem Deus! Ainda não percebeu que já não tenho nada, que de nada me preocupo, nem do dinheiro nem do canastro, e se cá vim falar consigo foi só na mira de me vingar? Que se denuncie o fugitivo, é só por uma razão: para o fazer prender, eu mesmo, e para que ele saiba que fui eu quem o mandou para o degredo, e para que veja bem como me rio quando lhe puserem as algemas nos pulsos?... Percebe agora?

O sargento, um homenzarrão de dois metros de altura, olhava fixamente, com certa desconfiança ainda, para o retrato apagado da medalha de *plaqué*; o caçador exalou um profundo suspiro e continuou em voz mais baixa:

— Eu estava para a América. A Rosinha era criada aqui, na quinta de Castellaccio. Um dia, *Napoli*, que não me conhecia, resolveu *operar* na quinta e entrou lá sem que ninguém o visse. Mas a Rosinha sentiu-o. Safo do quarto, como estava, em camisa e descalça, e o ladrão deu-lhe tamanha pancada na cabeça que a matou.

«Quando voltei, o crime já se tinha esquecido. *Napoli* internara-se na selva; percorri os campos e vali-me de todos os pretextos para dar com ele. Vendi o pouco que tinha e estabeleci-me aqui com as minhas economias; durante vinte anos não falei com ninguém; vivi como um sapo, isolado de todos, numa casa no meio do pântano e num sítio, com perdão de vocemecê, senhor sargento, de javalis selvagens; mas *Napoli* pôs-se ao largo; correu todo o campo romano, agredindo, matando, roubando. Ninguém lhe deixava a luva; era como o lobo da Aneíata, invisível. Depois, desapareceu; julgaram-no morto... Mas eu bem sabia que não estava morto; dizia-mo o coração, e esperava pacientemente porque tinha feito um voto, que recor-

dava todas as noites quando me metia na cama e renovava as flores que adornavam o retrato daquela santa. A minha hora havia de chegar e vai chegar esta noite em que lhe darei albergue. Na minha própria casa, percebe?»

— Mas ele não te conhece?

— Nunca me conheceu. E como podia imaginar que eu estivesse aqui? Como veio cá parar, não sei; foi um milagre do céu: caiu na ratoeira e lá ficará... Tenha a certeza!

Depois, lançando faíscas pelos olhos, Pirico disse para si:

— Nem sei como pude esperar até agora!...

— Era melhor! — saltou o sargento. — Se o tivesse matado, arranjava-lá bonita!

— Pois olhe que faltou pouco; mas soube conter-me, porque pensei com os meus botões: que pode significar a morte para um homem como este? A liberdade! Não, não! Que o matem na cadeia, fechado entre quatro paredes, só com os seus remorsos, se os tem, uma morte lenta, a pouco e pouco, gota a gota, hora a hora, minuto a minuto... Há de rebentar como um cão! E foi por isso que aqui vim.

— E esta — disse o sargento, devolvendo a Pirico a sua medalha — é de certo...

— A Rosinha, sim, senhor.

— E onde pescaste esse mariola?

— Na selva, senhor sargento, na parte arrendada da selva... Com uma perna nos dentes duma ratoeira, como uma raposa, senhor sargento, como uma raposa, e não o matei! Parece que veio do mar... o sítio certo não mo quis dizer... sobre este ponto, mudo como uma rocha... mas cáfu, cáfu, e esta noite...

— Esta noite ceia contigo?

— E dorme! Disse-lhe onde fica a minha casa, lembra-se destes sítios, e irá...

— Veremos. Eu chegarei por volta da meia-noite...

— É melhor um pouco mais tarde...

— Levarei dois homens comigo...

— Vá o senhor só, adiante, faça-me o favor...

— Imitarei o piar do mocho.

— Ele dormirá... obrigá-lo a dormir fica por minha conta; tenho um vinho...

— Quando me sentires, abres a porta...

— O senhor entra em bicos de pés e eu guiá-lo-ei até à cama do bandido...

— Chego-lhe o cano do revólver à testa...

E, falando em voz baixa, desceram a escada e chegaram à porta do pequeno quartel, onde se separaram com enérgico e expressivo apêto de mãos.

A casa do Pirico, uma cabana humilde, baixa, sinistra, solitária, erguia-se no coração da selva, sôbre um outeiro sempre verde da humidade em que proliferavam os líquens, aservas maninhas e as borragens.

Um pedaço de prado cultivado de horta, um estábulo meio arruinado, um tósco canil para fechar o feroz *Paraná*, recordação da América longínqua, completavam as dependências e os anexos daquela propriedade em miniatura, aquele asilo do misantropo que escolhera as feras como companheiras de vida.

Quando o caçador pisou terras do outeiro e a sua figura se desenhou sôbre o céu borrasco, o *Paraná* pulou de contente, festejando o dono.

Pirico teve um sobresalto. Parecia-lhe que o sangue lhe afogava, numa onda quente, o próprio coração, e deixou-se cair, sentado à beira duma ravina verdosa, as pernas pendentes, em frente ao pântano silencioso; o cão pôs-lhe a cabeça sôbre um dos ombros e quis-lhe lambe a face curtidada, mas ele puxou-o para o colo e, abraçando-o como a um irmão, disse-lhe, ciciando-as, muitas palavras apressadas, violentas, junto das orelhas peludas. E o enorme cão uivava baixinho, meneando o rabo, como se o compreendesse. E quando acabaram as confidências, tinham ambos os olhos chorosos; o homem e a bête.

Lêvantou-se o homem depois, trabalhosamente, e entrou em casa, seguido pelo cão, e entrou de soluçar, desafogando-se, enquanto percorria o pequeno compartimento, carregando uma espingarda, um trabuco enorme, que cevou de perdigões grandes como grãos de bico. E enquanto chorava e passeava na casa, ia lançando olhares ao retrato de Rosita em moldurado em flores, como se lhe pedisse coragem.

Quando acabou de carregar a escopeta, acorrentou o *Paraná*, que logo começou a saltar de alegria e safu com êle. Depois atou-o a um poste cravado à beira do pântano, afastou-se alguns passos e mostrando ao bicho a linha longínqua do horizonte disse-lhe:

— Espera!... sabes?

Paraná encarou a lonjura, o céu tenebroso sulcado de relâmpagos, com as orelhas fitas, uma pata dobrada contra o peito, o corpo forte retesado, imóvel. Pirico meteu à cara a enorme espingarda e disparou.

O cão, com a cabeça despedaçada, fulminado, caiu sôbre a herva apodrecida sem movimento; o homem atou-lhe a cor-

rente ao pescoço dando-lhe três voltas, procurou um pedregulho, deu um nó correio na extremidade contrária, passou-o na pedra e atirou o cão e a pedra para o pântano que se abriu e fechou logo com um estralejar seco.

Sôbre o pântano voltou a cair, tétrico, plumbeo, o silêncio profundo do furacão que se adivinhava, enquanto uma revoada de corvos, espantados pelo tiro, revolteava sôbre a laguna morta crocitando espantosamente.

Pirico, de cabeça baixa, entrou em casa, tirou o retrato da morta do improvisado altar, beijou-o, escondeu-o no peito junto ao medalhão, espalhou, com violência, as flores, pegou num balde e safu; encheu-o duas ou três vezes, lavou as manchas de sangue que havia junto ao poste, e deixando depois cair a vasilha, que rodou, encosta abaixo, até à horta, ficou imóvel, olhando sem ver, com o olhar perdido na imensidade nebulosa que se estendia na sua frente.

Esteve assim muito tempo até que a planície se envolveu tôda como que num sudário

opaco, um pássaro da lagôa gritou desesperadamente e a selva se agitou, ao longe, num prolongado tremular das suas fôlhas e ramarias. Caíra o silêncio impenetrável, absoluto.

Bestas e coisas, horrorizadas, esperavam, mudas, o estalar da tormenta que as ameaçava; e no silêncio pareceu àquele homem que o áspero e distinto coaxar das rãs se lhe gravava no cérebro numa toada de significado humano, repetida até à saciedade, até ao delírio.

Imóvel, como se tivesse lançado raízes ao solo, todo êle ardia; as fontes pulsavam-lhe espantosamente; ante os seus olhos, na sombra, entrecruzavam-se faiscas; já não discernia nem o resplendor frio, débil e vago, que dividia as águas tenebrosas do tenebroso céu; uma névoa de cinza lhe envolvia o pensamento e naquela névoa passavam e tornavam a passar, alternando-se, os dois únicos seres para os quais tinha nascido: Rosita e o cão *Paraná*...

*

— Homem!... Julguei que estivesse morto! Vamos, compadre, beba-lhe daqui uma golada que isto ressuscita os mortos!... Vamos para casa!... Que diabo de ideia vir estender-se aqui com essa febre!... Cansei-me à sua procura!...

O bandido, ainda forte como um roble secular, levou Pirico para a cabana, fechou portas e janelas, obrigou o desfalecido a beber e chegou-lhe a luz à cara para ver como batia os dentes, olhando-o até no branco dos olhos com as suas pupilas que pareciam chamas.

O caçador, sob a acção do álcool, voltou a si, ergueu-se, atirou lenha para a lareira e balbucou:

— Nada, compadre, não foi nada!... Isto são as febres... febres do paúl, sabe?... Dê-me uma mão para fazer a ceia!...

Napoli olhou fixamente o seu hospedeiro e pondo-se de pé tirou a cartucheira, tirou dos bolsos das calças um punhal e um revólver e pôs tudo em cima de uma cadeira. Depois verificou os cães da escopeta de 10 e encostou-a a um canto, carregada e armada. Depois ainda começou a dar voltas em redor do lume.

Entre os dois puseram a mesa sôbre alva toalha e fizeram a fritura de ovos e conserva que rescendia.

Um certo ar geórgico rodeava aquelas duas figuras rudes atentas à sua pacífica tarefa enquanto as suas sombras agigantadas passeavam, em pesadêlo, pelas paredes caiadas; e fora, a água caía já com um rumor amplo e magestoso, vertendo-se sôbre o espelho do pântano e a floresta, que a cada momento se ouvia, longínqua, sacudir ao vento a sua grande cabeleira de folhagem.

Comeram em silêncio. Beberam a primeira garrafa e foi *Napoli* que primeiramente falou:

— Compadre — exclamou estendendo o copo — se vamos com sinceridade, posso fazer-lhe algumas perguntas?

— Diga! — respondeu o caçador tocando com o seu o copo de *Napoli*.

Este beber e voltou a dizer:

— Como é que vocemecê, sendo caçador furtivo, assim um pouco... fora da lei, vivendo aqui só, como as feras, não tem nem sequer um cão?... Um cão de javardos, de pastor, de lebres, ao menos um podengote qualquer!...

Pirico ergueu-se sem responder, foi a uma arca, abriu-a, tirou duas coleiras e atirou-as para cima da mesa.

— Dois cães tinha, grandes, affectuosos, meigos, melhores do que gente... e também mos mataram!...

— Como foi isso?

— Quem o sabe? Já não tenho nada, nada, nada, senão força, a espingarda e vontade de me vingar. Compreende? Tenho necessidade de percorrer o bosque de noite e de dia, sem maus encontros, compreende? e depois, quando chegue a hora... meto-me numa barca e ala!... para o mar!

— Também vocemecê!... Para o mar!... Foi o mar que me levou para longe e êle me trouxe aqui. Não compreende?...

Pensou uns momentos. Depois encheu os copos da garrafa por encetar.

— Porque vocemecê deve querer saber quem tem em casa... Pois eu sou destes sítios e venho... bom... venho seja de onde for!... Mas foi a sauidade que aqui me trouxe... ao perigo, um perigo de mil mortes porque, ...porque eu sou *Napoli*, o bandido, represento mil libras de prêmio para quem me entregar e cometi uma dúzia de mortes de homem!...

De um trago emborcou o copo de vinho.

Pirico pegou na garrafa e encheu de novo os copos, com mão firme, sem des-



fitar o salteador que se pusera a cavalo na cadeira, os braços cruzados sobre o espaldar.

O bandido carregava o cachimbo e Pirico chegou-lhe lume, dizendo:

— *Napoli!*... Pois bem!... Oferecem então mil liras pela sua cabeça? Bem! Bem!... Pois eu o que lhe digo é que esta casa é minha e sua e que, quando haja algum perigo, aqui estou eu para o que der e vier!... Vocemecê fica aqui!...

— Não posso. Tenho que mandar um tal por cima da dúzia.

— Um tal? Quem?

— Não é da sua conta, mas, enfim, também não faz mal dizê-lo... Deite-me vinho e escute porque é coisa que se liga com o meu primeiro negócio com sangue...

— Percebo!... Com o primeiro que matou...

— Não!... Com a primeira!... Foi uma mulher!... Chamava-se Rosita. Era linda, linda como a Virgem do Moínho, de barro branco e pintado! Tinha o marido na América, um que teve que emigrar... Era bonita e estava só. Voltara eu do serviço militar e encontrei-a casada, sem homem; e como de crianças a gente se tinha namorado, encontro hoje, encontro amanhã... e em pouco tempo estávamos doidos um pelo outro! Mas... O que tem vocemecê?... Voltou-lhe a febre?

— Nada, nada!... Já estou avesado; olhe, o que faço é chegar-lhe para baixo... Continui!...

— Em duas palavras, chegámos a um ponto em que decidimos fugir juntos antes que voltasse o outro. Mas faltava o melhor, compreende vocemecê?... Eu não tinha officio nem beneficio. Ela era caseira numa quinta chamada «Castellaccio»; ocupava ali dois quartos que distavam uma boa milha da feitoria, tecia cordão e lá se ia governando com isso e com o que o marido lhe mandava, que era outro tanto. Era pouco, era coisa que a gente gastava numa noite, nas nossas pândegas de «comes e bebes», fechados em casa, em liberdade...

— Ah!... — exclamou Pirico quasi sem voz, procurando febrilmente o copo sobre a mesa — E o outro...

— O marido é quem paga sempre, amigo!... Mas beba, por Deus!... Onde apanhou vocemecê essas terças tão maninhas?

— A noite... o relento... as esperas... Continui!...

— A conclusão foi que combinámos roubar uma noite a quinta e depois, pernas para que vos quero! Mas as mulheres!... As mulheres, não se pode fiar a gente nelas! São armas mais perigosas de manejar que a espingarda e o punhal. Rebutam e ferem! Ela julgava que eu era um garoto e, como estava farta de mim, para me pôr à margem inventou a coisa do roubo!... Compreende vocemecê?... Parecia que não quebrava um prato, parecia uma *santinha*, e tinha-me armado a ratoeira. E na noite do roubo estava na quinta, à minha espera, descalça e nua, como dormia... mas com o guarda...



— O guarda?

— Sim, Rafael, um idiota, com dois metros de altura mas que não vale um caracol. Eu, pelo contrário, tinha o sangue a ferver, amigo, e ela não esperava que eu tivesse levado a machada no cinto!... Assim que vi o gigantão no alto da escada, de revólver em punho, e ela a agarrar-me com o pretexto de me abraçar... ah!... amigo, fiquei como uma fera, agarrei-a pelos cabelos, atirei-a ao chão e *pum!*... uma pancada seca... *flê?*... Ele nem sequer disparou! Assim que esguichou o sangue dela fugiu pela varanda do primeiro andar... E na manhã seguinte, todos calados que nem ratos!... Chegara o marido que veio encontrar assassinada aquela pérola, aquela santa, aquele anjo... morta por defender a casa dos patrões!... Ah! Ah! Ah!...

— E *Napoli* ria, com um riso perverso e brutal, despejando o copo uma vez mais. Depois, ergueu-se de repelão e deitando a mão à espingarda, regougou:

— Espero há já vinte anos... e agora toca a vez ao gigantão... Vamos agora dormir que amanhã...

— Espere, homem!... — gritou Pirico excitado, levantando-se também — Espere!...

— O que tem? — perguntou o foragido olhando de novo fixamente o seu hospedeiro. — O que lá?

Pirico indicou-lhe, com o dedo nos lábios, que se calasse; foi à parede caída, tomou a espingarda e começou a carregá-la, vagarosamente, muito vagarosamente, com as mãos trémulas.

— Mas o que faz você, homem? En-doideceu?

— Silêncio, por caridade, e ponha-se à escuta!

Calaram-se. Fora, o vento rugia loucamente e acalmava-se depois em iargas tréguas; toda a floresta se retorcia, silvando em espasmos lamentosos, para adormecer depois quasi com languidez. A água deixava de cair; nas pausas, ouvia-se o rufar lento das goteiras nos charcos.

— Valor e sangue-frio! — disse Pirico em voz surda, irreconhecível. — Mas tenha paciência, por caridade! Ou então, esta noite, salvamos esse tal... penso eu!...

O bandido olhou-o, fez um movimento com a espingarda, mas conteve-se e murmurou:

— Mas então, vocemecê, é...

— Sim, sou eu, desgraçado. Sou o marido da Rosita e denunciei-o a vocemecê, hoje mesmo! Cale-se!

E apagou a luz; depois abriu, pouco a pouco, a janela baixa. Um sopro gelado invadiu a tenebrosa estância; fora, entre dois farrapos de nuvem acendia-se e apagava-se uma estrela longínqua; calou-se o vento; um piar leve, monótono, de mocho, quebrou duas vezes a profunda quietação.

O caçador aproximou-se do bandido. Tocaram-se os cotovelos. E os dois homens, com as armas carregadas nas mãos convulsas, com os olhos dilatados que se esforçavam por penetrar a escuridão, mudos, ferozes, escutaram...

(Trad. de J. de S. F.)



11.339

É este lindo número da lotaria do próximo Natal que a ILUSTRAÇÃO destinou aos seus novos assinantes ou aos antigos que renovarem as suas assinaturas até 15 de Dezembro próximo.

Só a numeração dos recibos de assinatura pagos após o anúncio de participação na grande lotaria e emitidos pela Livraria Bertrand é que habilitam ao prémio que porventura possa caber ao nosso lindo número 11.339.

REVISTA DAS ESTREIAS

COME ao S. Luís a maior atracção e o principal êxito entre os filmes ultimamente estreitados. Fritz Lang é um realizador de quem se esperam sempre surpresas de técnica e de concepção. A êle se devem algumas das obras mais notáveis do cinema. E se é verdade que a sua evolução artística não tem sido orientada no melhor sentido, nem por isso o seu extraordinário poder de visão, a sua virtuosidade no emprego da câmara, deixaram de exercer sobre o público a sua poderosa fascinação.

É, dum certo modo, justa a admiração que lhe é tributada. Fritz Lang possui invulgares qualidades de artista. Mas, apertado entre as tendências do seu espírito criador e as exigências industriais da produção, toda a sua obra reflecte as consequências da pressão tirânica destas últimas.

As primeiras obras que o impuzeram à admiração do público e da crítica foram *Nibelungos* e *A morte cansada*. Se, como nós, o leitor se interessa por êstes assuntos de cinema, decerto recorda ainda, com saudade, êsse belo filme que era *Nibelungos* transposição perfeita em imagens das belas lendas milenárias da região do Reno, ou êsse outro de *A morte cansada*, em que o fantástico atinge proporções grandiosas.

Pode dizer-se que foi nestes filmes que se iniciou a luta implacável entre o espírito do artista e a tendência utilitária e comercial que devia orientar as suas obras. *Nibelungos*, embora admirado e exaltado pela crítica mundial, não podia constituir nunca um êxito de bilheteira. O seu estilo simples e vigoroso, teria de encontrar tantos detractores como a própria música de Wagner em que se inspirara. A sua expansão mesmo, fora dos grandes centros em que foi recebido por uns com entusiasmo por outros com *snobismo*, tornava-se difícil.

Raciocínios semelhantes determinaram então as obras futuras do célebre realizador. Thea von Harbou, sua mulher, passou a ser a sua colaboradora dedicada. É ela que representa na sua obra essa feição prática a que temos feito referência. O seu papel como argumentista consistiu na escolha de temas vulgares, adaptados ao gosto mediocre das multidões. Fritz Lang, por seu lado, tem illustrado com as imagens concebidas pelo seu invulgar talento de realizador e a sua profunda sensibilidade de artista, essas histórias que garantem o êxito financeiro da sua obra.

E foi assim que pudemos admirar *Metropolis*, genial deformação da vida moderna baseada numa filosofia falsa e pueril, e *A mulher na lua*, fantasia científica

em que um entreccho mediocre evolui entre grandiosos *décors*.

O último filme de Fritz Lang não foge, afinal, a esta orientação que as condições actuais da arte cinematográfica tornam inevitável. *Matou* é mais uma vez a comprovação dos po-

bém uma obra inconsistente, a que só a virtuosidade técnica dum Fritz Lang poderia conferir valor artístico.

Baseada no caso tristemente célebre de Pedro Kurten, o *vampiro de Dusseldorf*, a acção do filme decorre em torno da figura sombria e mórbida dum misterioso assassino de crianças. Com insuperável habilidade, Fritz Lang soube tirar ao filme todo o carácter gran-guinholeco, criando em vez dele um superior ambiente de horror e emoção que mantém o espectador suspenso da primeira à última cena.

Peter Lorre interpretou de forma perfeita o sinistro psicópata. Deu-nos uma figura de pesadêlo que não pode deixar de se recordar muito tempo ainda depois de visto o filme.

Matou foi o primeiro filme sonoro de Fritz Lang que podemos apreciar. E dele se deve concluir que o grande realizador se encontra tanto à vontade nesta nova modalidade da arte cinematográfica, como

o estava já na arte das imagens silenciosas.

Os filmes cómicos de grande meragem, tão apreciados entre nós, foram desta vez representados por *Em frente, march!*, de Buster Keaton.

Pamplinas, é, justamente, considerado um dos maiores cómicos mundiais. O seu tipo, dum a gravidade desastrada, é hoje quasi tão popular como a silhueta grotesca de Charlot. E um filme seu é a promessa certa duns momentos de bom-humor.

Em frente, march!, versão espanhola de *Dough Boys* não corresponde porém, inteiramente, a esta expectativa. Embora dotado de bons *gags*, revela por vezes falta de imaginação, e um lamentável regresso a velhos expedientes cómicos — o da lama, por exemplo — que é a sua consequência. Além disso a acção é descontínua, e as cenas, a que falta uma successão ordenada, têm, na sua maioria, apenas em vista a obtenção de efeitos cómicos, o que mais confirma a impressão dominante de esgotamento de imaginação que resulta do filme.

Renegados, que o Tivoli exhibiu, é um filme mediocre inspirado ainda no êxito de *Beau Geste*, mas sem nenhuma das qualidades que impuzeram êste. Pode dizer-se que serviu apenas para preparar a apresentação de *Monte Carlo* a que a interpretação de Jeanette Mac Donald conferia especial interesse, que não foi iludido: *Monte Carlo* é, de facto, um filme de grande categoria, uma bela opereta cheia de boa música, em que as inverosimilhanças são pretexto para cenas graciosas. Lubitsch, confirma mais uma vez o seu admirável estilo de grande mestre. E já é conhecido como o seu talento se adaptou com felicidade a êsse género de espectáculos musicados que, nem por fugirem aos princípios fundamentais da arte, são por isso menos agradáveis.



MIRIAM HOPKINS, MAURICE CHEVALIER E CLAUDETTE COLBERT, EM «O TENENTE SEDUTOR»

Cinema

derosos recursos técnicos do seu realizador. Ainda mais do que isto — é uma obra empolgante que arrasta o espectador, ofegante, através o desenrolar das suas peripécias. Mas é tam-



POLLY WALTERS, UMA LINDA ARTISTA DA «WARNERS»

(Conclui-se na pág. 26)

NOTA DA QUINZENA

Interesses prejudiciais

O cinema, forma de espectáculo moderno, destruiu já algumas instituições inúteis e envelhecidas que não podiam convir ao seu desenvolvimento.

Ninguém se lembraria hoje, por exemplo, de recitar no cinema as velhas «cliques» teatrais. A inutilidade de semelhante medida em breve se verificaria. Há porém uma dessas instituições tradicionais que logrou adaptar-se ao cinema e à sua sombra disfruta próspera existência. Referimo-nos aos contratadores, que pelas portas dos cinemas nos oferecem bilhetes por um preço superior àquele por que os poderíamos adquirir na bilheteira.

Temos o máximo respeito por todas as classes trabalhadoras, sempre que da sua actividade alguma coisa resulta de útil para o público. Não é porém este o caso dos contratadores de bilhetes. A única consequência da sua actividade, que a lei infelizmente reconhece, é obrigar o espectador a esportular em seu proveito uns tantos escudos, poupando-lhe quatro ou cinco passos, que tantos são os que em geral vão do anti-pático monopolizador até à bilheteira.

Nem todos os cinemas, felizmente, consentem nessa especulação. Mas outros, levados por motivos económicos ou por iniciativa particular dos seus camaroteiros que com isso auferem apreciáveis lucros, auxiliam tacitamente essa injustificável extorsão.

Não poderia a Inspeção Geral dos Espectáculos resolver de vez o assunto, negando autorização ao exercício dessa profissão parasitária?

A vida dos estúdios reveste-se, por vezes, de curiosos aspectos anecdóticos.

Jakie Coogan e outros actores da sua idade, interpretavam um dia, no estúdio, uma cena em que dois deles atacavam o outro, pondo-o por fim fora de combate com uma canelada. E prevendo que os actores tomassem o seu papel demasiadamente a sério, o director ordenara que elle usasse uma canelada de canbedal dissimulada sob a calça.

Depois de tudo preparado a cena começou, a ser filmada, e quando chegou a altura da canelada o jovem actor deu um grito de dor que se ouviu em todo o estúdio.

— Magnifico, observou o director.

Mas nem por ouvir este elogio o pobre actor cessou de gritar. E quando o realizador voltou a afirmar-lhe que a cena ficara excelente, respondeu-lhe entre gemidos:

— É natural. Eles bateram-me, exactamente, na perna que não tinha canelada.

A última moda que, partindo de Hollywood tomou de assalto grande número de cabeceiras frágeis da América, é a dos cabelos *côr de platina*. A responsável do absurdo é, como o leitor talvez já saiba, Jean Harlow, a *estrela* que ainda esta época vamos conhecer no filme *Anjos do Inferno*, em que iniciou a sua carreira. Foi precisamente neste filme que Jean Harlow exhibiu pela primeira vez uma cabeleira inverosímil, rigorosamente *côr de platina*, que se revelou muito fotogénica. E daí teve o seu início a moda perigosa e absurda.

Para conseguir essa *côr* artificiosa é necessário proceder, em primeiro lugar, à descoloração dos cabelos que deverão ser, naturalmente muito claros.



ANITA PAGE E O SEU «BICHANO»

Mas mesmo assim, está muito longe de ser isento de perigos. Só depois dos cabelos terem perdido em absoluto a *côr*, o que lhes abrevia a existência, se pode proceder à aplicação duma tinta especial que dá aos cabelos esse tom extravagante de platina.

Os perigos e os absurdos desta moda são evidentes. Mas nem mesmo assim ela deixará de ter a sua voga e de exercer a sua perigosa acção nas cabeceiras leves.

A indústria cinematográfica americana começa a sentir, afritivamente, a necessidade de continuar a despertar o interesse do público que a monotonia da sua produção estandardizada vai afastando.

O processo que agora vai adoptar não deixará, decerto, de atingir os seus fins. Trata-se de reunir num mesmo filme de categoria várias *estrelas* de primeira grandeza. Assim, diz-se que a *Melro* tem actualmente em projecto a realização dum filme que seria interpretado por Greta Garbo, Joan Crawford, John Gilbert e Clarle Gable, um novo que contrasenando com Greta atingiu, ultimamente, na América, as culminâncias da celebridade.

E se o sistema provar ser vantajoso, a arte cinematográfica terá bastante a lucrar com elle.

Douglas Fairbanks não perdeu, por enquanto, o seu amor à aventura. Mal tendo descansado da sua recente expedição ao extremo-orient, ei-lo de novo pronto a partir para outra aventureira viagem pelo interior do Brasil. O célebre actor será desta vez acompanhado pelo conhecido realizador Victor Fleming, e usará no decorrer da viagem apenas armas primitivas, como setas, lanças, etc. Os incidentes da viagem serão filmados e condensados num filme.

Parece assegurado que Mary Pickford não pensa abandonar o cinema, estando até empenhada em encontrar um argumento que lhe convenha para o seu próximo filme.

REVISTA DAS ESTREIAS

(Conclusão da pág. 25)

Jeanette Mac Donald fez o que dela era lícito esperar. Jack Buchanan substitui o Chevalier da *Parada do Amor*. E embora não corresponda em tudo ao famoso artista francês, leva-lhe a vantagem duma voz e duma educação musical muito superior.

Monte Carlo, cidade de prazer e loucuras, foi ainda cenário dum outro filme, dirigido por Erich Pommer: *A Loucura de Monte Carlo*, que o Central exhibiu. Dum gosto mais contestável do que o antecedente, este filme, contudo, agradou. Algumas cenas alcançam excelentes efeitos cómicos. E as suas inverosimilhanças simpáticas não têm outra finalidade.

Dum modo geral, pode dizer-se que, apesar da crise económica, a frequência dos cinemas aumentou sensivelmente. O público começa a recuperar a confiança e a perder a ideia de que ir ao cinema corresponde a bocejar durante três horas ao som dum diálogo que não se entende, vendo uma história que não se compreende.

Essa convicção errada, que só os primeiros filmes sonoros justificaram, começa a perder adeptos. E assim, ficarão sem justificação as sombrias previsões dos pessimistas que negam ao fonocinema as suas incontestáveis possibilidades de triunfo.

Manuel L. Rodrigues

A CIDADE DO ABSURDO

O poder da publicidade em Hollywood

HOLLYWOOD, a cidade sobre a qual mais se tem escrito, seria talvez uma cidade como qualquer outra se não fosse a publicidade. As suas largas avenidas assemelham-se às de qualquer moderna cidade americana. E nem mesmo a actividade febril e metuculosa dos seus estúdios lhe pode dar carácter, isolados como estão dentro dos seus vastíssimos recintos. Tão pouco a frequência dos grandes nomes do cinema lhe traz qualquer diferença sensível. Todos eles passam, perdidos entre a imensa multidão, e nem sempre é fácil reconhecê-los fora do *écran*.

O que distingue Hollywood de todas as outras cidades espalhadas à superfície do nosso planeta, é a auréola de absurdo que a mais gigantesca publicidade do mundo lhe criou.

Não falta quem imagine Hollywood uma cidade extravagante, feita de cenários, com grupos de actores filmando a cada canto de rua, e que muda de aspecto segundo as exigências da acção que nela têm lugar.

Escusado será dizer que esta concepção está longe da verdade, e que Hollywood é uma cidade moderna, animada por um trânsito intenso, e em que, apenas, no interior do estúdio, inviolável para o profano, a câmara cinematográfica domina, com absoluta omnipotência.

A característica dominante dessa singular cidade, em que a ilusão e a fantasia são fornecidas ao mundo segundo rígidos sistemas industriais, a que lhe confere um lugar único em todo o mundo, é, como já dissemos, a publicidade. É

ela que anima a vida extravagante da grande cidade da Califórnia. É indispensável às «estrelas» por maior que seja a sua celebridade. É necessária ao êxito dum filme. É a única possibilidade oferecida ao actor obscuro para triunfar. E, por isso, ela domina, perigosamente, toda a actividade da capital dos filmes.

As mais extravagantes histórias são postas a correr para manter ou chamar o interesse do público sobre determinado assunto ou artista. Um agente de publicidade audacioso não hesita, há já muito tempo, em imaginar um *complot* anarquista num dos principais estúdios, o da «Universal», que tinha por chefe, nem mais nem menos, do que Eric

von Stroheim, o grande realizador e intérprete da *Marcha Nupcial*. E as razões que teriam levado Stroheim a um gesto tão perigoso, consistiam apenas em lhe terem sido negados fundos que a sua fantasia exigia para a conclusão faustosa dum grande filme. Não se suponha, porém, que se tratava dum expediente de publicidade a que ninguém concedeu crédito. Na realidade, os jornais chegaram a noticiar, com toda a verosimilhança, apreensões de armamento destinado ao *complot*, que seria constituído pelos «extras» e trabalhadores do estúdio.

A esta ânsia irreprimível de publicidade, nem a morte é poupada. O seu carácter sa-

guns deles. Os seus menores passos são espiados, discutidos, fotografados. Se um dia resolvem casar, refugiam-se numa pequena cidade da província e aí se unem pelas laços sagrados do matrimónio. Mas não falta o reporter arguto que uma estranha casualidade levou também lá e que revela ao mundo a notícia. E, depois, são as entrevistas sensacionais, com exclusivo para esta ou aquela revista, em que a feliz noiva, com «evidente constrangimento», fala da sua felicidade, dos encantos da sua lua-de-mel e dos seus futuros projectos artísticos.

A paixão do número, que todo o bom americano possui, é também explorada pela publicidade. O número de figurantes ou animais diversos que tomam parte num filme, o cálculo das lâmpadas necessárias à sua iluminação, o balanço dos desastres que causou, o número de vezes que determinada actriz foi fotografada ou o peso da correspondência que recebe, tudo isso serve para estabelecer *records* e, portanto, para prender a atenção do público. Atribui-se, por exemplo, a John Gilbert o ter enviado um camião cheio de rosas a Marion Davies, em vez da habitual *corbeille*.

A publicidade deve Greta Garbo, como tantas outras, o seu êxito. Pode afirmar-se que esta grande actriz não teria nunca conhecido a celebridade que hoje disfruta, apesar do seu real talento, se uma gigantesca publicidade, posta ao seu serviço, a não tivesse envolvido numa auréola de mistério, quando seria incomparavelmente mais fácil e mais razoável ver nela apenas uma rapariga sueca com aptidões artísticas pouco vulgares. Têm-lhe sido atribuídos os mais singulares hábitos e opiniões. Não têm já conta as versões dos seus romances de amor. E de tudo isto resulta que o único mistério consiste, afinal, nas contradições de todos.

Também para os outros, para os trabalhadores obscuros do cinema, a publicidade é quasi sempre a única possibilidade de se elevarem acima do seu nível modesto. E, por isso, o «extra» perdido entre a multidão, procura sempre chamar, nem que seja por um momento, as atenções sobre a sua figura insignificante.

É esse desejo insaciável de publicidade que comunica a Hollywood o seu carácter de cidade de aventura e absurdos. É ele que anima essa singular cidade, em que o sonho e a beleza se condensam em longas fitas de acetato-celulose, onde as plateias do mundo inteiro buscam satisfação para a necessidade imperiosa de sonhar.



JOAN MARSH, ATRAVÉS DUM RAMO DE «MISTÉRIO»

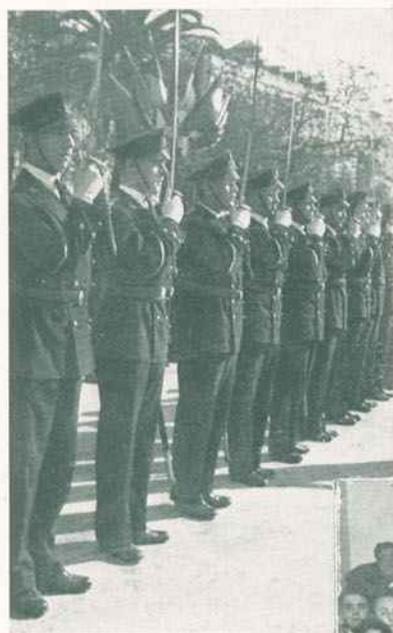
grado também já tem servido de expediente de publicidade. Está hoje provado que o funeral de Rudolfo Valentino foi preparado e subvencionado por entidades interessadas na exploração dos seus últimos filmes. E não é este, afinal, o único aspecto sombrio da poderosa publicidade.

Para fazerem a propaganda de si próprios, as «estrelas» não hesitam perante as maiores extravagâncias. Sacrificam o seu sossego, as suas afeições e, quantas vezes, a sua felicidade. Deixam devassar a sua vida íntima, as suas confidências amorosas. Um jornalista reúne um dia num artigo as declarações amorosas dos maiores artistas do *écran*. Outro publicou correspondência íntima de al-

MONUMENTO
AOS MORTOS
DA GRANDE
GUERRA



NO ACTO DA ENTREGA DO MONUMENTO À CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA: O SR. GENERAL ROBERTO BAPTISTA LENDO O SEU DISCURSO



NA PARADA MILITAR: OS ALUNOS DA ESCOLA NAVAL, EM CONTINÊNCIA



ASPECTO DO ALMOÇO DE SOLIDARIEDADE OFERECIDO AO JORNALISTA SR. MANUEL NUNES PELOS SEUS COLEGAS DA IMPRENSA



A ASSISTÊNCIA A UMA INTERESSANTE FESTA QUE SE EFECTUOU NUM COLÉGIO DA AVENIDA DA REPÚBLICA

EFFECTUOU-SE, em 29 de Novembro findo, a inauguração do Monumento aos Mortos da Grande Guerra, erigido em Lisboa, que, por virtude do mau tempo, não tinha podido ser inaugurado na data comemorativa do 13.º aniversário do Armistício. O acto teve agora um brilhante complemento numa parada militar, a que assistiram o sr. Presidente da República, os membros do Governo, o Corpo Diplomático e mais elementos oficiais.



O GRANDE «STADIUM» DE CHICAGO, CUJAS TRIBUNAS IMITAM MONUMENTOS GREGOS

Quando haverá em Portugal um grande Estádio?

A semana do trabalho, com tanto sucesso efectuada há uma quinzena, veio trazer ao conhecimento público o extraordinário incremento da ressurreição nacional, o esforço magnífico em que todo o país se lançou na ânsia de reatar as velhas tradições de vigor, actividade e iniciativa da raça portuguesa. Em vários terrenos se tem este impulso progressivo, que devemos considerar como fundamental para o futuro da nacionalidade, à qual se pretende por todos os meios dar um exacto conhecimento das suas possibilidades e uma justa confiança nos seus recursos.

A eficácia da campanha em laboração está dependente do equilíbrio dos meios empregados, e tanto maior será quanto mais eclético for o material empregado. Temos, por conseguinte, que recorrer a todos os elementos acessíveis, insistindo naqueles que mais directamente visem o erro original, fonte de todas as crises complexas em que se debate o povo português e a própria humanidade.

No nosso país, o grande mal é, sem dúvida, uma deficiência educativa, enxertada numa crise de iniciativa nacional, arrastada desde séculos como uma pesada grilheta e que poderemos aceitar como consequência do excessivo esforço da nação em épocas remotas.

A missão dos renovadores da sociedade portuguesa será, por conseguinte,

educá-la primeiro e criar-lhe depois uma consciência das suas responsabilidades, espevitando nela o fogo latente da vitalidade que as cinzas de um tradicionalismo comodista cobrem e abafam.

Vem a talho de foice insistir, uma vez mais, na importância que nestas condições assume o problema da educação física da raça, concebida em bases de larga envergadura e posta em prática com um critério racionalista diferente daquele que vulgarmente lhe é atribuído.

Quando ao estudo de um determinado problema dedicamos um interesse absorvente, numa preocupação de todas as horas, sucede por vezes que as ideias se nos esboçam na mente imprecisas e nubladas, para pouco a pouco desenharem contornos, tornando-se precisas, como os objectos que um denso nevoeiro afasta e dilui se nitidificam quando o calor do sol dissolveu a neblina envolvente. Assim, na mente dos

pedagogos especialistas, o problema da educação física tem evoluído, alargando o âmbito da sua esfera de acção, esboçada há anos em tentativas isoladas de arrojados percursoros e finalmente concretizada hoje num movimento universal. Não podemos resumir actualmente a finalidade da educação física à simples cultura do físico do indivíduo, mas sim considerá-la muito mais largamente, se-

gundo a frase definitiva do ilustre director da Escola Superior de Educação Física, dr. Reis Santos, como um processo de educação geral do homem por meio dos agentes físicos.

Na patriótica campanha de educação nacional actualmente em movimento, não será possível desprezar a preciosa coooperadora que é a cultura física, se pretendemos com segurança atingir um resultado prático compensador.

Parece-me inútil desenvolver largamente o enumerado das vantagens sociais da prática generalizada da cultura física, sobejamente conhecidas e comprovadas, pois, internando-nos nesse campo, nos afastaríamos do propósito final desta crónica, excedendo-lhe os limites. Seja qual for a modalidade adoptada, e todas são úteis, porque todas têm sua aplicação oportuna, completando-se para perfeito desenvolvimento do indivíduo, a educação física deve merecer ao Estado uma atenção que até agora nunca lhe foi dispensada.

Os poderes públicos devem auxiliar, já que a não querem assumir, a iniciativa particular das entidades e agremiações que, numa nitida compreensão do problema, procuram divulgar ao povo

português a prática indispensável do exercício físico metodizado.

Muitos seriam os modos de pôr em prática, com eficiência, esta colaboração estimulante, desde uma orientação superior unificada até ao fornecimento em abundância do material requerido. Meios de acção e meios de propaganda.

Uma vez mais somos levados, pela constante e elucidativa repetição das oportunidades, a frizar quanto em Portugal tem sido desconhecida a importância educativa da prática desportiva, de todas as variantes da educação física sem dúvida a mais abandonada.

É, de resto, tão grande a sua miséria



que, a mais da ignorância a que foi votada pelos poderes governativos comprovadamente leigos na matéria, arca ainda com o ódio sectarista de pedagogos obsecados, nos quais somos forçados a lamentar o reduzido do próprio critério.



Uns e outros, completando-se, criaram em volta do desporto um ambiente nefasto, apontando os segundos erros e consequências desastrosas ao actual estado de coisas como sendo fruto do próprio desporto, e dando-lhe os primeiros créditos, sem que todos queiram observar que o culpado não é o desporto, mas apenas a forma incoerente como é praticado por falta de critério e auxílio daqueles a quem incumbe a governança do país e a vigilância sobre todas as manifestações de actividade nacional.

O Estado deveria racionalizar o desporto para bem da raça e dar-lhe uma ampla difusão para propaganda do país. Para qualquer lado que, além fronteiras, lancemos a vista deparamos-nos os exemplos desta lei, à qual alguns países da Europa devem o melhor da sua afirmação nacional.

Entre as nações da Europa Central nascidas da guerra, contam-se provas frizantes desta afirmação.

A Checoslováquia e a Hungria impulsionaram nos seus territórios a prática do desporto com o duplo fim de criar ou estimular no seu povo uma nítida consciência da nacionalidade e difundir pelo estrangeiro embaixadas de campeões que aureolassem de modernas glórias pacíficas os nomes das pátrias respectivas.

A criação dos Sokols, que numa próxima crónica talvez refiramos mais desenvolvidamente, deve a Chocoslováquia a manutenção do espírito de independência e a conservação da individualidade étnica durante o largo período de domínio austríaco.

A Hungria, fazendo do desporto uma força nacional, alcançou ainda recentemente em Paris um triunfo magnífico, classificando-se a primeira nação nos campeonatos europeus de natação.

Quanto devem, sob o ponto de vista da propaganda nacional, o Uruguaí às vitórias dos seus jogadores de foot-ball, e a Finlândia aos sucessos dos seus atletas?

Mas, de todos (e que numerosos poderiam ser!), os exemplos apontáveis, nenhum mais frizante que o da Itália.

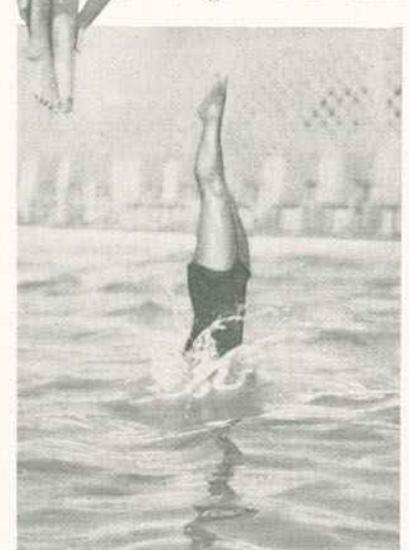
Os factos ensinam-nos que o desporto é por toda a parte aproveitado como factor de propaganda nacional, neste sentido merecendo a simpatia dos governantes e tornando-se, cada vez mais, um

elemento de política internacional. Nenhum país soube, porém, como a Itália fascista utilizar a evolução favorável da corrente desportiva no sentido de aumentar a sua influência e propaganda exteriores.

Para conseguir esta finalidade, Mussolini entregou a criaturas de sua confiança a suprema dirigência do desporto italiano, arredando toda a veleidade de mesquinhas politiquices internas; no país latino não seriam possíveis conflitos federativos nem intrigas de facções.

Governa quem deve e com plenos poderes; não há ambições que contem nem invejas que possam cevar-se. Os dirigentes, livres da preocupação constante das lutas intestinas e dos conluíus de baixa intriga, podem dedicar tranquilamente toda a sua actividade à causa que estão servindo.

Os resultados falam bem alto; porque não querem os portugueses prestar-lhes ouvidos? Chegam-nos de todos



os lados ecos do mesmo som. Só no velho torrão lusitano persiste um silêncio desolador.

É lastimável que o nosso país seja o único da Europa, e estou quasi a dizer do mundo, que não possui nos centros de maior população parques desportivos e, nem sequer na capital, um estádio digno do nome.

É esta uma das primeiras necessidades a atender; Lisboa carece de um campo relvado, de uma pista para corridas, de piscinas, de umas tribunas que possam acomodar as trinta ou quarenta mil pessoas susceptíveis de reunir-se a presenciar uma pugna internacional bem organizada.

A Câmara Municipal parece-nos a entidade mais indicada para semelhante empreendimento e julgamos que tal intenção consta dos seus projectos aprovados; infelizmente, da aprovação de um

projecto à sua realização vai uma distância que pode ser infinita. Portugal é a terra do «havemos de fazer» e do provisorio-definitivo.

Ilustração, revista da vida nacional em todos os seus aspectos, solta o brado que a sua categoria lhe impõe e de há muito deveria ter partido da voz mais competente da imprensa especializada.

Pondere-se atentamente a lição edificante que se colhe das fotografias que acompanham esta crónica.

Que formidável impressão de grandeza nos oferece o espectáculo do Estádio de Chicago, reunindo em volta de trinta homens jogando, 110.000 assistentes!

Esta, como a maioria das arenas desportivas, é obra do auxílio oficial: foi edificada pela municipalidade, como o foram também os estádios de Barcelona e em parte o de Colombes. Outros, como o estádio olímpico de Amsterdam, os de Bolonha e Roma, a curiosa edificação de Atenas, cenário dos primeiros Jogos Olímpicos modernos, são construídos pelo próprio Estado; outros, finalmente, são pertença de ricas e privilegiadas organizações, tais Wembley, Los Angeles e os encantadores recintos brasileiros do Fluminense e do Vasco da Gama.

Só assim, dispoendo de instalações semelhantes, é lícito esperar o êxito de uma obra de propaganda interna suficientemente eficaz e um alargamento de relações internacionais que integrem o desporto no seu verdadeiro papel de embaixador da nação.

Para criar valores excepcionais é necessário alargar ao máximo a esfera de praticantes, e ninguém pode logicamente atrair ao desporto a mocidade portuguesa não lhe fornecendo locais capazes para sua cultura. Tudo quanto se diga menosprezando esta verdade primordial é fantasia idealista ou palavriado vão.

Como querem que o desporto progrida na provincia se os rapazes não dispõem de recintos onde possam preparar-se? Como há de o desporto lisboeta sair do marasmo em que vegeta, porque assim

mais propriamente se podem designar os progressos de caracol realizados, se os terrenos existentes são impróprios e insuficientes?

Comecemos, portanto, pelo princípio, e para tal, meus senhores, escolham dos modelos aludidos o que melhor lhes convenha e... mãos à obra.



Vida Feminina

A mulher muda sempre. O tão conhecido lema *«souvent femme varie...»* é bem certo. Mas como não há de mudar nos seus sentimentos, se ela está habituada, desde criança, a mudar no seu exterior para conseguir agradar?

A culpa da volubilidade do seu espírito não lhe cabe propriamente a ela, mas sim ao seu desejo de se tornar atraculê, de chamar a atenção.

Habituada a variar a sua pessoa conforme muda a moda, naturalmente acaba por ter coração e sentimentos de grande variabilidade.

Antigamente a mulher era mais submissa, mais igual, mas as moda era também mais durável. Uma senhora sem deixar de ser elegante usava o mesmo modelo de vestido três anos.

Agora não é possível, saído usa chapêus na ano usam-se mente empoleirados no

Agora não O ano passavam-se esnuca, é's'e graciosa-



BUCSAS PARA A NOITE (Modêlo de «Jeanne Lanvin»)

que uma mulher de cabeleira encucada e o chapêu posto com garbo. Assim como o andar se modifica com os vestidos mais compridos e a rapariga que é «à la page» não anda como há dois anos andava, quando tinha a saia por cima do joelho, é natural que o seu coração não possa ter os mesmos sentimentos e não possa sentir hoje como então.

O interêssé da mulher está em ser variável e aqueles mesmo, que mais se insurgem e que consideram a palavra volúvel um insulto, sentir-se-lam extremamente aborrecidos se tivessem ao seu lado, três anos, uma mulher vestida da mesma maneira, com o mesmo penteado e com as mesmas idéias. Aborreciam-se, chamavam-lhe sensaborona e fallava-lhes pelo menos o pretexto de se zangarem com as con-

tas da modista e com a volubilidade do seu espírito. Há-de haver sempre uma razão de queixa dos homens para com as mulheres e no fundo êles preferem que seja esta porque ao menos distrai-os pela variedade. A mulher é volúvel porque tem de o ser para interessar, para não ser sempre a mesma e afinal é-o apenas para agradar ao homem.

Maria de Eça.

A Moda

PARECE impossível que haja ainda inovações na maneira de vestir a mulher. Mas é assim. É isto sem grande mudança na linha geral. Este ano o grande *chic* para a noite, quando se não trate de um baile em forma, é a blusa.

A simples blusa, que só era admitida com os *tailleurs*, passou à categoria de cerimônia e, à noite, nada mais elegante do que uma saia em *georgette* ou setim preto, com blusa em *georgette* branco ou rosa, bordada a pérolas, em setim de qualquer côr forte ou ainda em *lamé* de prata ou de ouro. É uma moda que vai ter um grande triunfo porque é muito econômica e permite o aproveitamento dos vestidos que têm o *corsage* estragado, o que tanto acontece aos frágeis vestidos de noite.

O Pijama

DECIDIDAMENTE o pijama conquistou o seu lugar na vida feminina. De manhã no acordar, a mulher enfia o seu pijama com a mesma desenvoltura com que vestia o kimono. E isto, que não dorme de pijama. o pijama obrigató já há este lettes de j a m a . l r i o p e l o i n e o m p r e e n s í v e l , p o r q u e a v e r d a d e é q u e a m u l h e r s e é g r a c i o s a , p o d e f i c a r i n t e -



CAMISO DE ARMA EM DIAGONAL, GUARNECIDO A LONTEA (Modêlo de «Philippe et Gaston»)

ressante, agarotada com o pijama, mas elegante nunca fica. A construção do corpo da mulher não se coaduna com o uso das calças. Se é alta e magra parece um marinheiro suéco, se é gorda e baixa fica uma trouxa, e se é *mignone* parece um garoto: Mas isso não impede o triunfo do pijama que do domínio da intimidade passou ao público, e, que as gentis raparigas de que damos hoje as gravuras, sejam encantadoras mesmo com o desenvolvido traço.

Bordados

QUAL é a mulher que não gosta de fazer lindos bordados para enfeitar a sua casa dando-lhe o cunho pessoal, do seu bom gosto. E sabendo quanto isso lhes será agradável damos hoje um desenho de bordado inglês e renda de Veneza que forma um conjunto lindíssimo e serve para guarnições de mesa, almofadas e *abat-jours*. O bordado inglês, tóda a senhora sabe como se faz. A renda de Veneza é tecida com a agulha sobre o desenho onde previamente se passam linhas

que o contornam. A ligação dos dois pontos dá um bellissimo resultado.

Os brincos

A maior coleção particular de brincos pertence à marquesa de Chabannes, que tem uma extraordinária paixão por este adorno. Há poucos países no mundo, que ela não tenha visitado em busca de formas novas e originais de brincos e sempre tem trazido coisas novas e exemplares magníficos para a sua casa parisiense próximo de Etoile.

A sua casa é um verdadeiro museu de brincos e estão ali representadas tôlas as pedras preciosas, os metais e os materiais em uso para brincos. Ao lado de brincos que são uma maravilha, há alguns na coleção, que são monstruosos para o gosto europeu e muitas vezes representam uma singularidade no próprio país de origem. O exemplar mais precioso, é sem dúvida o que apresenta uns brincos chineses em coral lavrado representando passarinhos com tôdas as penas. Outro par, que chegaria aos ombros se se pudesse usar, é feito com mostruários de velhos relógios com pedras incrustadas. Fazem também uma estranha impressão uns brincos, que são um cacho de pequenas campainhas de cristal e para os quais a marquesa mandou fazer um colar, que os acompanha, em minúsculas campainhas de um cristalino e maravilhoso som, fazendo uma *parure* não só linda à vista como de um delicioso som.

De mulher para mulher

Rosa Branca.— Sim, minha senhora, os livros de Dolly são muito próprios para uma menina dessa idade. Mas se é bom ela ler francês para adiantar no estudo dessa lingua, será também conveniente que leia português, e para sua filha estão indicados os encantadores romances de Júlio Dinis.

Dona de casa.— As luvas de esúdes lavam-se como as de pelica, com benzina. Há uma qualidade lavável com água e sabão, mas mesmo essas ficam melhor lavadas com benzina.

Desolada.— Não se preocupe com as sardas, que são devidas ao sol. Passando todos



os dias na cara um algodão embebido em água oxigenada, leite e sumo de limão, em partes iguais, passam e readquire a beleza da sua cutis.

Camponesa.— Com um vestido preto é muito mais elegante sapatos de camurça e verniz preto. Os sapatos de côr devem ser sempre de um tom que diga bem com a *toilette* com que são usados.

Como criar e educar os vossos filhos

Não é só nos primeiros meses que a criança precisa ser vigiada, é sempre e assim na Inglaterra, conforme bebê vai crescendo faz a sua vida dentro da *Nursery*. Ali toma as suas refeições a horas inalteráveis, ali tem os seus brinquedos e mais tarde a sua mesa de estudo e os seus livros. Não se vêem brinquedos espalhados pela casa e não se ouvem ralhos impondo-lhe silêncio. A criança na *Nursery* pula, brinca, grita, ri e chora sem incomodar os grandes. Não incomoda às refeições, interrompendo as conversas, e não toma más maneiras aproveitando a distração. A sua vida regrada pelas normas de uma estreita hygiene tem horas diferentes, fazendo uma vida à parte.

A hora das refeições a *nurse* ou a mãe ocupadas apenas pela criança ou pelas crianças, quando são mais do que uma, vigia as suas maneiras e incute-lhes o respeito pela mesa e ensina-lhes a maneira de estar à mesa e de comer com correção. É devido a isto que é rarissimo, senão impossivel, ver um inglês com más maneiras à mesa, o que infelizmente não succede connosco. Pessoas que pelo seu nascimento e educação deviam saber comer, pelos maus hábitos adquiridos parecem ignorar as mais simples regras da educação à mesa.

Mas não pensem, minhas senhoras que este sistema de educação afasta o inglês dos pais. É o contrário, habituado desde criança a ver nos pais, quem dirige a sua vida, sem se

ocupar das pequenas coisas, tem por elles um muito maior respeito e uma profunda afeição. A sua maior alegria é em criança as horas que passa junto dos pais no *parlour* onde a familia se reúne e essas horas considera-as um favor, um prêmio ao seu bom comportamento e para a criança inglesa um dos maiores prazeres é convidar os grandes para um chá na sua *Nursery*. Sentem-se na sua casa e felizes de receberem aqueles que distinguem com a sua amizade.

As crianças mais felizes são as crianças inglesas que vivem longe do desequilibrio dos nervos dos adultos e de aí vem a serenidade, a calma e a educação do povo inglês. E as suas crianças são maravilhosas de beleza de saúde e de alegria.

Higiene e beleza

Há senhoras a quem o frio faz uma grande partida. Os seus lindos narizinhos á grega ou graciosamente arrebitados, ao mais ligeiro contacto com o ar frio, tornam-se de uma vermelhidão anti-estética o mais possivel. E que desgosto não é, ao chegar a qualquer sítio e consultar o espelhinho da carteira, constatar que o nariz se nos tornou de uma deslumbrante côr de tomate. É verdadeiramente arrelviador mas para isso há remédio. E esfregar tôdas as noites o nariz com um algodão embebido na seguinte loção: Agua de flôr de laranja, 100 gramas; água de tilla, 100 gramas; tintura de quina, 30 gramas; glicerina, 100 gramas; tintura de anamelis, 30 gramas; eucôfre precipitado, 20 gramas; mentol, 1 grama; álcool a 60°, 50 gramas.

Para fazer com que desapareça momentaneamente a vermelhidão, humedeça-se um pouco de algodão em benzina e coloque-se sobre o nariz, apertando-o um pouco, mas com muito cuidado que não toque nas partes do rosto não congestionadas. Este remédio tão simples e pouco conhecido, atenua em grande parte a congestão nasal, porque a benzina sobre a pele provoca um resfriamento e uma fadilhez dos tecidos. Ao seu contacto a pele torna-se pálida, conservando essa côr algum tempo.



Receitas de cosinha

TÓDAS as senhoras gostam de oferecer chá às suas amigas quando as recebem e todas gostam de ter biscoitos feitos em casa que sejam uma especialidade diferente dos de compra e que ponham, na mesinha de chá, guarnecida por uma toalha bordada por suas mãos e enfeitada em volta por uma renda de bilros, a nota pessoal. Damos uma receita que será um triunfo na mesinha onde as chávenas de porcelana cheias da loira bebida fumegante abrem o apetite às torradas amanteigadas e aos biscoitos. Farinha de trigo, meio quilo; manteiga de vaca, 250 grammas; açúcar branco em pó, 250 grammas; ovo, um.

O açúcar dissolve-se com a manteiga e o ovo e, depois, deita-se a farinha a pouco e pouco, amassa-se muito bem até que a massa se larga das mãos; depois descansa meia hora. Tendo descansado a massa, dá-se-lhes a forma que se deseja e colocam-se num taboleiro polvilhado de farinha e vão ao forno, que não deve estar exageradamente quente. Como vêm é uma receita muito económica, pois com estas porções obtém-se um quilo de deliciosos biscoitos, que farão com que todas as nossas amigas nos peçam a receita, desejando que o seu chá uma à elegância o saboroso dos biscoitos.

Precocidades

UMA rapariguinha de doze anos esteve quasi a obter o prémio literário para o

romance. Isto passou-se em Paris. Um dos membros do júri que tinha lido essa obra não hesitou em a apresentar ao concurso. Mas por notável que essa obra seja não pode ser uma obra amadurecida; e assim pensaram os membros do júri. Flaubert aconselhou a Maupas-sant de não publicar nada antes dos trinta anos.

Dos doze aos trinta anos o salto é grande.

É difícil acreditar que a jovem romancista conheça o mundo e os homens e este prematuro successo daria ao seu cérebrozinho a impressão de saber tudo e assim não estudaria mais. Há sempre crianças prodígios, o que é necessário é que quando têm idade estejam possuidoras do talento de que são dotadas.

Vitor Hugo deu de uma surpreendente precocidade. Lamartine chamava-lhe «A criança sublime» mas já homem «A criança sublime, encontrou os ensaios que lhe tinham valido tantos elogios, juntou-os num pacote no qual escreveu: «As tolices que escrevi antes de nascer».

Um remédio fácil

HÁ em Londres um vasto edificio, no qual todos os que ali trabalham nunca sofreram de constipações nem nunca tiveram um ataque de influenza. É o armazem geral das alfândegas do porto de Londres, onde desembarcam as cargas de canela, cravo, baunilha e outros aromáticos, que são depois distribuídos pelo mundo. A atmosfera de aquele local está saturada de pó de canela e quem respira aquele ar perfumado, fica immune a uma das maiores maças da vida moderna, as constipações e a influenza. Os carregadores que trabalham nas cargas de canela e os empregados que registam, as cargas que entram e saem, alguns que vivem naquele ambiente há quarenta e cinquenta anos, declaram nunca ter tido o mais leve sinal de constipação. Fêz-se um relatório à Academia de Ciências de Londres no qual se afirma uma coisa importante, que o pó de canela preserva eficazmente das constipações e da influenza. Aqueles que são vítimas dessa moléstia tão incómoda e aborrecida têm um remédio fácil e agradável cheirando o pó de canela.

Pensamentos

A infância não ama nada.

Cuidado com as bocas que sopram o frio e o calor.

A taboleta faz a mercadoria.

Todos crêem o que temem ou o que desejam.

Muito tarde...

A última vítima do terror em França foi a princesa de Monaco, Josefina de Choiseul Stainville, que casou em 1872 com José Grimaldi, príncipe de Monaco. Prê-

sa, foi condenada à morte em 1794. Para viver, escreveu

uma carta a Fouquier Tinville declarando-lhe estar grávida. Mas assim que

mandou a carta arrepen-

deu-se; com um pedaço de vidro cortou os seus loiros cabelos,

para que os seus filhos ficassem com uma recordação sua e

enviou a Fouquier Tinville esta segunda carta: «Previno-o, cidadão,

que não estou grávida. Faça-lhe saber que não sujei a

minha boca com essa mentira por medo à morte, nem

para a evitar, mas sim, para ter um dia

a mais para cortar eu mesma, os meus cabelos

e não serem tocados pelo carrasco. É o único legado

que deixo aos meus filhos. Que ao menos seja puro». Nessa mesma

noite acabou o drama do Terror. Roberto abatido, foi levado ao patíbulo.

Nessa época as notícias não corriam como hoje. Ignorava-se tudo na prisão da Force.

Todavia, alguns amigos avisados pela manhã, mandaram um correio à prisão com a ordem de suspender a sentença de morte. O homem a cavalo chegou já a carreta tinha

partido havia tempo.

A toda a brida, o correio galopou para a praça da Revolução, quando estava a chegar o cavalo caiu. Com uma perna dilacerada,

vencendo a dor, o cavaleiro estendeu a ordem aos que o rodeavam, dizendo que não havia um minuto a perder.

Um dos transeuntes correu para a praça do suplicio, de longe gritou que parassem a sangrenta máquina. Muito tarde... Quando chegou ao pé do patíbulo tinha caído a lâmina, e o carrasco deitava no cesto a loira cabeça de Josefina de Choiseul Stainville, princesa de Monaco. Foi a última vítima do Terror.

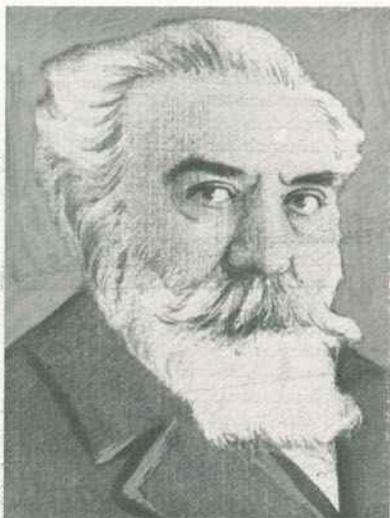


BORDADO INGLÊS E RENDA DE VENEZA



LA FONTAINE.

FIGURAS E FACTOS



NA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS — OS SRS. DR. ROGÉRIO DE CASTRO, EMINENTE POETA, DR. COELHO DE CARVALHO, SÓCIO ECTIVO, ANTIGO PRESIDENTE DA DOUTA INSTITUIÇÃO E ANTIGO REITOR DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, E DR. ALFREDO DA CUNHA, ILUSTRE JORNALISTA E POETA, QUE A ACADEMIA ACABA DE PROMOVER, POR RESOLUÇÃO UNÂNIME, RESPECTIVAMENTE, O PRIMEIRO E O TERCEIRO, À CATEGORIA DE SÓCIOS ECTIVOS, E O SEGUNDO À DE SÓCIO EMÉRITO, ASSIM CONSAGRANDO OS SEUS ALTOS MÉRITOS

General Ivens Ferraz

Em sessão solene, efectuada em 26 de Novembro findo, tomou posse do cargo de Presidente da Liga dos Combatentes da Grande Guerra o sr.



Ivens alta finosso que ao fo valor alia as qualidades gozando um sólido todo o

país. A escôlha não poderia recair, sem desprimor para qualquer dos outros elementos do exército português, em individualidade mais digna e que melhor se impusesse à consideração de todos os combatentes.



O SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA, NA CIDADELA DE CASCAIS, COM OS MEMBROS DO GOVERNO E MAIS PESSOAS QUE O FORAM CIMENTAR, NO DIA DO SEU 62.º ANIVERSÁRIO NATALÍCIO



O SR. CORONEL JOSÉ CABRAL, GOVERNADOR GERAL DA PROVÍNCIA DE MOÇAMBIQUE, QUE VÊTO AGORA À METRÓPOLE, POR OCASIÃO DO SEU DESEMBARQUE, REUNIAM-NO A FAMÍLIA E BASTANTES DISSAS AMIGAS QUE O FORAM ESPERAR



O 2.º CONGRESSO NACIONAL DOS BOMBREIROS REALIZADO EM SETÚBAL, NA SEMANA ÚLTIMA DE NOVEMBRO FINDO: OS CONGRESSISTAS À SAÍDA DO GOVERNO CIVIL DA CIDADE SADINA. NELE SE TÊZ REPRESENTAR A MAIORIA DAS KORPORAÇÕES DE BOMBREIROS MUNICIPAIS E VOLUNTÁRIOS DO PAÍS, CONSTITUINDO ESTA ASSEMBLEIA UMA JUSTA EXALTAÇÃO DO QUE TEM DE ABNEGADO, DE ÚTIL À HUMANIDADE, A FUNÇÃO DO BOMBREIRO

PIM DE PESTA

—Estás com uma cara tão triste! O que tens?
 —É que meu tio acaba de morrer... alienado.
 —E então?
 —É tudo o que tinha, estava... alienado, também!

Entre duas excelentes amigas, que saem de um baile de máscaras:
 —Não sei porque foi isto; mas em toda a noite ninguém me disse uma amabilidade.
 —É contudo, estiveste sempre de máscara!

Numa escola agrícola:
 —Qual é o melhor modo de conservar fresca a carne de carneiro?
 —Não matando o carneiro.

—Porque motivo faltou o senhor, ontem, à repartição?
 —Peço mil desculpas... Estive bastante doente...
 —Doente, em dia de trabalho?! Então para que lhe servem os domingos?

—Entre nós ambos, há uma diferença capital. Tu trabalhas pelo dinheiro, e eu trabalho pela honra.
 —Meu amigo, cada qual trabalha por aquilo que precisa.

—Tive há tempos, dizia um taberneiro, um cão, que atacava como uma fera todos os ladrões.
 —E que fizeste d'êlo?
 —Dei-o a um amigo; porque ultimamente



atirava-se a mim, como uma fera, todas as vezes que me via!...

Entre devotos de Bacho:
 —As revoluções têm coisas boas.
 —Olá, se têm! Esconde-se a gente nas alegrias.

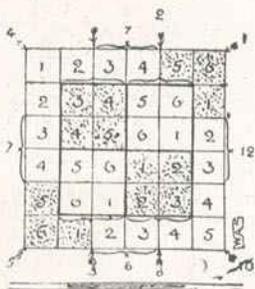
Na Boa Hora:
 O juiz:—O réu explique como foi que se arranjou, para transportar sózinho um cofre tão pesado, e isso, sem ninguém dar por tal?
 O réu:—Não vale a pena, sr. juiz. V. Ex.^a pode estar certo que nunca o conseguirá fazer!

Num combóio:
 —Minha senhora, V. Ex.^a incomoda-se com o fumo?
 —Incomodo-me alguma coisa.
 —Pois eu absolutamente nada. O que é a gente estar acostumado!...

OS DOZE QUADRADOS

Solução ao passatempo que veio publicado no n.º 6 (141)

Os quadrados 1, 4, 5, 6, 7, 9, 10 e 12 estão dispostos, como se vê no diagrama junto, na



forma de um quadrado único. E os quadrados 2, 3, 8 e 11 colocados sobre eles no centro da figura, como se está vendo. É necessário, bem entendido, ter presente o enunciado da questão, com os doze quadrados que o acompanham na respectiva página do penúltimo número da *Ilustração*, e confrontá-los com a figura supra, ilustrativa desta solução.

Preguntou um dia Luís XIV ao historiador Mezeray:
 —Quem vos manda pintar Luís XI como um tirano?
 —E a êle, quem o mandava ser?— perguntou, por sua vez, o historiador ao rei.

Ganho certo.
 Júlio:—Sabes? Consegui hoje apanhar ao Alfredo quinze escudos!
 Rui:—Custa a crer! Tenho curiosidade de saber como foi isso.
 Júlio:—Muito simplesmente. Pedi-u-me vinte e emprestei-lhe só cinco.

—TÁ BERLINDA, LEMBRAS-SE DAQUELA NOTA DE DEZ ESCUDOS QUE ME DEU NO DIA DOS MEUS ANOS?
 —LEMBRO, SIM, QUERIDINHA. E ENTÃO?
 —ENTÃO, «EU» JÁ QUASI ME ESQUECI DEIA.
 (Do «Punch»)



O retrato de hoje põe termo à série das figuras em evidência com que a «Ilustração» compôs este jogo de prendas.

Entramos agora, pois, na sua segunda fase: a da recepção das respostas dos nossos leitores que se dispuseram a vir jogar connosco, habilitando-se assim a obterem um dos três apreciáveis, tentadores prémios que a êste Concurso destinámos e que são, em definitivo, os seguintes:

1.º prémio—Um exemplar do encantador romance de Júlio Deniz, «As pupilas do Senhor Reitor», ilustrado por Roque Gameiro, em aguarelas reproduzidas em tricromia, e encadernado luxuosamente.

2.º prémio—Um exemplar do notável romance histórico de Eduardo de Noronha, «Ambição dum rei», obra em três volumes, ilustrada com muitas gravuras a côres, de Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

3.º prémio—Um exemplar da célebre «História de Gil Braz de Santilhana», de Lesage, em tradução de Júlio César Machado, obra com centenas de gravuras.

Alguns dos nossos leitores, não reparando bem nas condições aqui enunciadas tantas vezes, precipitaram-se no envio das suas respostas, a par e passo que as figuras iam sendo publicadas.

A êsses, temos a preveni-los de que tais respostas parciais não surtem efeito. Somente as que doravante recebermos, com a revelação em conjunto dos nomes das figuras, serão válidas. Devem estas dar entrada na nossa Redacção, em envelope fechado que, além das respostas, contenha o nome e a morada do concorrente, até ao último dia do próximo mês de Janeiro. Fixamos êste prazo para, como é justo, não privarmos os nossos leitores de além-mar, das Áfricas, das Américas, da Índia e doutras re notas paragens, pois a toda a parte a nossa revista chega, de entrarem também neste fácil e premiador passatempo.

Procederemos depois à selecção e à classificação de todas as respostas recebidas.

Vamos, leitores! Meditem, descubram: Quem eram as figuras que pusemos na berlinda?

Porque foram elas para a berlinda?

**Este
é melhor,
...Mãezinha!**



É o alimento mais saboroso que me tens dado! Não enjoa nem causa a mais pequena dôr ou prisão de ventre. Sinto-me mais forte e até parece que cresço cada vez que tomo

'Allenburys'

A Amamentação com os Alimentos "Allenburys"

MÃES!
PECAM HOJE MEJMO
O NOSSO FOLHETO
GRATIS.

Allen & Hanburys Ltd.,
Rua dos Douradores 29, 1º, Lisboa



FAZER OURO

É possível, diz o sr. Robert Delys. Já nesse sentido se obtiveram alguns resultados apreciáveis; e ainda recentemente um engenheiro químico de Lyon certificava, sob a fé do seu grau, ter obtido com dez gramas de prata 5 centigramas de ouro por grama.

O processo aí empregado foi, ao que se supõe, o descoberto por outro homem de ciência francês, o sr. Jollivet Castelot, que não só fabricava ouro pelo processo químico há vinte anos, mas ainda generosamente tornou pública a sua fórmula, que é a seguinte:

«Fiz uma mistura íntima de prata rigorosamente isenta de qualquer vestígio de ouro, de dois gramas de enxofre dourado de anti-

mônio, um grama de sarpimento e outro de estanho quimicamente puros. Coloquei essa mistura, como de costume, num cadinho de forno a 11.000° durante uma hora e tratei a fusão obtida pelo processo habitual, isto é, pelo ácido azótico e pela água régia. As reacções do ouro foram absolutamente limpidas.

Não é, pois, a primeira vez que se faz ouro; apenas até aqui cada qual mais ciosamente escondia o seu processo. O sr. Jollivet-Castelot é o homem menos interessado d'êste mundo, pois indica a toda a gente o meio infalível de fazer fortuna... Toca, portanto, a aproveitar!

Novidade Sensacional
Com o **PENTE ONDULADOR** transforme os seus cabelos lisos em naturalmente ondulados para toda a vida!

Prima mestra geral procedeu da seguinte forma: lavamos os cabelos e secamos-os pouco; depois de lavar e secar com a cabeça ainda húmida, com o **PENTE ONDULADOR** dirigimos para o exterior, com as pontas do pente o cabelo através das setas, assim se fazem uma linda ondulação para sempre.

Exclusivo de venda:
D. E. B. E. L. E. Z. A.
M. de CAMPOS
Av. da Liberdade, 35 - Lisboa

ACADEMIA SCIENTIFICA

PENTE ONDULADOR
VIENA

Preço Esc. 15\$00

A origem de algumas modas

UM cronista parisiense recorda, a propósito das últimas elegâncias da estação, a curiosa origem de algumas modas que dominaram a Europa e o mundo.

Foi Isabel da Baviera que lançou o corpete, para disfarçar o defeito grave que tinha num dos ombros.

Luís XIV tinha quistos enormes no couro cabeludo e daí é que provieram as majestosas perucas do Grande Século.

O rosto longo e as feições um tanto pesadas de Maria Antonieta não se acomodavam com os singelos e leves penteados em moda desde 1760. O famoso cabeleireiro real Leonard compôs, para agradar à soberana, as monumentais cabeleiras que as gravuras para sempre celebraram com as suas pitorescas denominações: *Pouf au Sentiment*, *à la Belle Pointe*, *Marionnier d'Inde*, *Guéridon*, etc.

Durante um baile em casa da senhora Permon, falou a senhora de Contades, em voz alta e com toda a perfídia possível, das orelhas da princesa Paulina Bonaparte, que realmente as tinha mal feitas e de darem nas vistas. Para ocultar esse defeito único da sua admirável pessoa, Paulina pôs em moda os bandós ornados de pedrarias e caídos sobre as orelhas, bem como a *mentonnière* de renda que se vêem no seu famoso retrato por Lefèvre.

No século XIX, uma rainha de

Inglaterra que havia sofrido uma operação no pescoço, da qual ficara profunda cicatriz, lançou a moda das altas golas de veludo negro e os colares de pérolas sobrepostos, presos por barrettes de brilhantes e denominados *coleiras de cão*.

As pedras preciosas que têm fama de ser bemfazejas

DIZEM que a ametista atrai a riqueza e torna a mulher fecunda; a granada entretém as ilusões; e a esmeralda cura os loucos e dá mocidade aos velhos; a malaquite faz evitar os processos; a pedra da lua dá a felicidade conjugal; o rubi reprime a luxúria; a safira provoca o arrependimento das faltas; o coral preserva do mau olhado; a turquesa protege contra o assassinato e a morte violenta. (Mas a última tsarina fazia todos os seus filhos usarem sempre uma turquesa, e no entanto!...)

A opala, que durante tanto tempo tinha a triste fama de ser nefasta ao amor, destruidora da felicidade, provocadora do sofrimento e da morte (tendo até perdido o seu valor dum dia para outro, quando uma vez a imperatriz Eugénia, esposa de Napoleão III, manifestou publicamente o seu terror por esta pedra) agora é tida como um *porte-bonheur* incomparável, tendo de novo subido o seu preço nos mercados.

**BERTRAND
IRMÃOS, L.
GRAVADORES
IMPRESSORES
T. CONDESSA DORIO-27**

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA À LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**A RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.ª parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
- 5—2.ª parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRES RUSSOS E TRES INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.ª parte—*América do Sul*. 1 vol.
- 10—2.ª parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
- 11—3.ª parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
- VINTE MIL LEGUAS SUBMARI-NAS:**
- 12—1.ª parte—*O homem das águas*. 1 vol.
- 13—2.ª parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.ª parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
- 15—2.ª parte—*O abandonado*. 1 vol.
- 16—3.ª parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.ª parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
- 18—2.ª parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.ª parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
- 20—2.ª parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS INDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.ª parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
- 24—2.ª parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.ª parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
- 27—2.ª parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.ª parte—*A chama errante*. 1 vol.
- 32—2.ª parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.ª parte—*O segredo terrível*. 1 vol.
- 34—2.ª parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 1.º vol.
- 36—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 2.º vol.
- 37—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.º vol.
- 38—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.
- 39—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.
- 40—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
- 42—**O RAIO VERDE**, 1 vol.
- KERABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.ª parte—*De Constantinopla a Scutari*.
- 44—2.ª parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO**, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.ª parte—*O pombo correio*. 1 vol.
- 48—2.ª parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.
- 49—3.ª parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.ª parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.
- 54—2.ª parte—*Justiça!* 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FÉRIAS:**
- 56—1.ª parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
- 57—2.ª parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.ª parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
- 59—2.ª parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CESAR CASCABEL:**
- 61—1.ª parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.
- 62—2.ª parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:**
- 63—1.ª parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
- 64—2.ª parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HÉLICE:**
- 67—1.ª parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.
- 68—2.ª parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.ª parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
- 71—2.ª parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.ª parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
- 74—2.ª parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.º vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.º vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopédia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS

A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sobre **todo os ramos profissionais e artísticos** a queiram compulсар, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGÊNCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMÉSTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO TOCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMÉSTICOS — MANUAL DO LICOREIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COURO E PELES — ANIMAIS DANINHOS — COPA E LUCARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE SÓDAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUBOS — HORTICULTURA — VETERINARIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 GROSSO VOLUME DE 1.152 PÁGINAS LINDAMENTE ENCADERNADO EM PERCALINA A CÔRES E OURO, CUSTA APENAS 30\$00

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

ESTÁ Á VENDA O

Almanach Bertrand

Fundado por Fernandes Costa e coordenado por D. Maria Fernandes Costa

UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa — RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matematica muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos.

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 452 gravuras, cartonado **10\$00**
Encadernado luxuosamente **18\$00**

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

33.º — ANO — 1932

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

BOLACHIAS

A GRANDE
M A R C A
PORTUGUESA

Variadas e
saborosíssimas
qualidades

UM UNICO FABRICO
O MELHOR

NACIONAL

Como se faz fortuna

POR
SILVAIN ROUDÉS

Um livro oportuníssimo, na época presente, em que a febre de enriquecer se faz sentir mais do que nunca

1 VOLUME DE 264 PÁGINAS., BROCHADO, 10\$00

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

Obras de Norberto de Araujo

MINIATURAS, 1 vol. de 215 págs., broch. ... 8\$00

NOVELA DO AMOR HUMILDE, 1 vol. de 308 páginas, broch. 12\$00

VARANDA DOS MEUS AMORES, 1 vol. de 145 págs., broch. 8\$00

VINHA VINDIMADA, 1 vol. de 208 págs. ... 8\$00

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

Biblioteca Infantil

Série A (Leitura para crianças até aos 7 anos).

Série B (Leitura para crianças dos 7 aos 10 anos).

Série C (Leituras para crianças dos 10 anos em diante).

CADA VOLUME, BROCH., 7\$00

COM ENCADERNAÇÃO ESPECIAL, MAIS 4\$00

SÉRIE B

N.º 1—**Na terra e no mar**, por *António Sérgio*, desenhos de Raquel Roque Gameiro Ottolini.

N.º 2—**Bonecos falantes**, por *Carlos Selvagem*, desenhos de Mamiã Roque Gameiro.

N.º 3—**Contos gregos**, por *António Sérgio*, desenhos de Raquel Roque Gameiro Ottolini.

N.º 4—**O que canta o pintasilgo**, por *Jane Ben-saúde e Agostinho de Campos*, desenhos de Raquel Roque Gameiro Ottolini e Emmerico Nunes.

SÉRIE C

N.ºs 1 e 2—**O romance da raposa**, por *Aquillino Ribeiro*, desenhos de Benjamin Rabier.

N.º 3—**O romance das ilhas encantadas**, por *Jaime Cortesão*, desenhos de Roque Gameiro.

Um conto do Natal, texto e ilustrações por *Meneses Ferreira*.

1 VOL. COM CAPA ILUSTRADA, 6\$00

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulverisa-
ções, etc. — — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

Como obter ideias lucidas e clareza de espirito

POR

G. VOGT

Manual completo para se vencer a preguiça da inteligência, a falta de energia, a fraqueza de espirito, a falta de memória, etc., etc., segundo os experimentados doutores *Haig, Cantani e Lévi*

1 VOLUME DE 154 PÁGINAS, BROCHADO, 7\$00

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortográfico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APENDICE: O acordo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, 15\$00

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
ANTÓNIO JARÃO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
BRITO CAMACHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonização do Brasil*.
CRISTÓVÃO AIBES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
COELHO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anestesiologia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITE, da Academia das Ciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Etnológico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camponeses na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÉLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GATO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa.
MOSES BENSAÏM AMELACE, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
P. M. LARANJO COELHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIRÓS VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32 x 25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PAGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHE,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

E CONTRA

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a côres.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosíssima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALISADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... 10\$00

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA

LIVRARIA BERTRAND
LISBOA

A sair brevemente o XXXII tomo

A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE

EDITADA EM PORTUGAL

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) 11\$50

3 meses 6 meses 1 ano

Assinatura (pagamento adiantado) 30\$00 59\$00 118\$00

REGISTADO

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHIA 34\$50 67\$00 132\$00

ÍNDIA, MACAU E TIMOR 36\$00 79\$00 138\$00

ESTRANGEIRO 37\$00 72\$00 142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

**Indispensável
em qualquer
Cozinha**



O fogareiro VACUUM, além de ser prático, seguro e económico, não deita cheiro, nem fumo. Não suja os utensílios, porque não produz fuligem.

**FOGAREIROS
VACUUM**
Vacuum Oil Company, Inc.